UNE ✦ SACRA

Esoterismo

Constituições de Anderson

✦ ✦ ✦

James Anderson

Tradução (edição 1.1)

Créditos

Autor	James Anderson
Data	1723
Idioma original	Inglês
Versão	Tradução (edição 1.1)
Tradução	Tradução popular, a partir do texto inglês de 1723
Fonte	Internet Archive
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

O livro fundador da maçonaria moderna: As Constituições dos Franco-Maçons (The Constitutions of the Free-Masons), publicado em Londres em 1723 pela Grande Loja fundada ali em 1717.

Foi compilado pelo pastor presbiteriano escocês James Anderson (c. 1679–1739), a pedido do Grão-Mestre duque de Montagu, e dedicado a ele por J. T. Desaguliers.

Tem quatro partes. A História conta a origem lendária da maçonaria, de Adão, que teria a geometria "escrita no coração", ao Templo de Salomão, ao arquiteto Hiram Abif e às lojas da Inglaterra e da Escócia.

As Obrigações (Charges) são as seis regras de conduta do maçom; a primeira, "Sobre Deus e a Religião", pede apenas "aquela religião em que todos os homens concordam", sem exigir uma igreja, e é a passagem mais citada do livro.

Os Regulamentos Gerais, compilados por George Payne em 1720, são as 39 regras de funcionamento das lojas e da Grande Loja.

O livro termina com a maneira de constituir uma nova loja, a Aprovação, assinada pelos Mestres e Vigilantes de vinte lojas de Londres, e quatro canções maçônicas.

O texto em inglês segue a edição de 1723 nas reimpressões de Nova York de 1855 e 1859, sem as notas de rodapé da História. As grafias antigas ("oblig'd", "chuse") foram mantidas.

Fonte: https://archive.org/details/constitutionsoff00anderich

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons AtribuiçãoNãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Dedicatória

História

As Obrigações de um Franco-Maçom

I. Sobre Deus e a Religião

II. Do Magistrado Civil, Supremo e Subordinado

III. Das Lojas

IV. Dos Mestres, Vigilantes, Companheiros e Aprendizes

V. Da Direção do Ofício no trabalho

VI. Do Comportamento

Pós-escrito sobre a Lei contra os Maçons

Regulamentos Gerais

A Maneira de Constituir uma Nova Loja

Aprovação

A Canção do Mestre

A Canção do Vigilante

A Canção do Companheiro

A Canção do Aprendiz

Um Antigo Registro e a Aprovação do Livro Impresso

DEDICATÓRIA

✦

1 A Sua Graça o Duque de Montagu.

2 Meu Senhor,

3 Por ordem de Sua Graça o Duque de Wharton, atual Muito Venerável Grão-Mestre dos Franco-Maçons, e como seu Deputado, dedico humildemente este Livro das Constituições da nossa antiga Fraternidade a Vossa Graça, em testemunho do modo honroso, prudente e vigilante com que exercestes o cargo de nosso Grão-Mestre no ano passado.

4 Não preciso dizer a Vossa Graça o trabalho que o nosso erudito Autor teve para compilar e ordenar este livro a partir dos Antigos Registros, e com que exatidão comparou e pôs tudo de acordo com a História e a Cronologia, de modo a fazer destas Novas Constituições um relato justo e exato da Maçonaria desde o princípio do Mundo até o Mestrado de Vossa Graça, conservando sempre tudo o que era verdadeiramente antigo e autêntico nas velhas: pois todo Irmão ficará satisfeito com a obra, sabendo que ela teve a leitura e a aprovação de Vossa Graça, e que agora é impressa para uso das Lojas, depois de aprovada pela Grande Loja, quando Vossa Graça era Grão-Mestre. Toda a Irmandade lembrará sempre a honra que Vossa Graça lhe fez e o vosso cuidado com a sua Paz, Harmonia e Amizade duradoura; do que ninguém está mais devidamente consciente do que,

[5] Meu Senhor, de Vossa Graça o Mais Obrigado e Mais Obediente Servidor, e Fiel Irmão,
J. T. Desaguliers, Grão-Mestre Deputado.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

HISTÓRIA

✦

1 A Constituição, História, Leis, Obrigações, Ordens, Regulamentos e Usos da Muito Venerável Fraternidade dos Maçons Livres e Aceitos; recolhidos dos seus Registros gerais e das suas fiéis Tradições de muitas Eras. Para ser lido na Admissão de um Novo Irmão, quando o Mestre ou o Vigilante começar, ou mandar algum outro Irmão ler o que segue:

2 Adão, nosso primeiro pai, criado à imagem de Deus, o grande Arquiteto do Universo, devia ter as Ciências Liberais, em especial a Geometria, escritas no coração; pois, mesmo depois da queda, encontramos os princípios dela no coração dos seus descendentes, e eles, com o correr do tempo, foram desenvolvidos num método conveniente de proposições, pela observação das Leis da Proporção, tiradas da Mecânica; de modo que, assim como as Artes Mecânicas deram ocasião aos eruditos de reduzir a método os elementos da Geometria, esta nobre ciência, assim reduzida, é o fundamento de todas aquelas artes (em especial da Maçonaria e da Arquitetura) e a regra pela qual elas são conduzidas e executadas.

3 Sem dúvida Adão ensinou aos filhos a Geometria e o uso dela nas várias artes e ofícios convenientes, ao menos, àqueles primeiros tempos; pois Caim, como vemos, construiu uma cidade, que chamou de Consagrada, ou Dedicada, segundo o nome do seu filho mais velho, Enoque; e, tornando-se o Príncipe de uma metade da humanidade, a sua posteridade imitaria o seu exemplo régio no aperfeiçoamento tanto da nobre ciência quanto da arte útil.

4 Nem podemos supor que Sete tenha sido menos instruído, ele que, sendo o Príncipe da outra metade da humanidade, e também o primeiro cultivador da Astronomia, teria igual cuidado em ensinar a Geometria e a Maçonaria aos seus descendentes, que tinham também a grande vantagem de ter Adão vivendo entre eles.

5 Mas, sem levar em conta relatos incertos, podemos concluir com segurança que o Velho Mundo, que durou 1.656 anos, não podia ignorar a Maçonaria; e que tanto as famílias de Sete como de Caim ergueram muitas obras engenhosas, até que por fim Noé, o nono depois de Sete, recebeu de Deus a ordem e a direção de construir a grande Arca, que, embora de madeira, foi certamente fabricada pela Geometria e segundo as regras da Maçonaria.

6 Noé e os seus três filhos, Jafé, Sem e Cam, todos verdadeiros Maçons, trouxeram consigo através do dilúvio as tradições e as artes dos antediluvianos, e as comunicaram amplamente à sua descendência crescente; pois aproximadamente 101 anos depois do dilúvio encontramos um grande número deles, se não toda a raça de Noé, no vale de Sinear, ocupados em construir uma cidade e uma grande torre, para fazer para si um nome e impedir a sua dispersão.

6.2 E, embora tenham levado a obra a uma altura monstruosa, e pela sua vaidade provocado Deus a confundir os seus planos, confundindo a sua fala, o que causou a sua dispersão, nem por isso a sua habilidade na Maçonaria deve ser menos celebrada, pois gastaram mais de 53 anos naquela obra prodigiosa, e, ao se dispersarem, levaram o grande saber consigo para partes distantes, onde lhe acharam bom uso no estabelecimento dos seus reinos, repúblicas e dinastias.

6.3 E, embora depois ele se tenha perdido na maior parte da terra, foi especialmente conservado em Sinear e na Assíria, onde Nimrod, o fundador daquela monarquia, depois da dispersão, construiu muitas cidades esplêndidas, como Ereque, Acade e Calné, em Sinear; de onde depois saiu para a Assíria e construiu Nínive, Reobote, Cala e Resém.

7 Nessas regiões, junto ao Tigre e ao Eufrates, floresceram depois muitos sacerdotes eruditos e matemáticos, conhecidos pelos nomes de Caldeus e Magos, que conservaram a boa ciência da Geometria, enquanto os reis e os grandes homens incentivavam a Arte Real. Mas não convém falar mais claramente destas coisas, a não ser numa Loja formada.

8 Daí, por conseguinte, a Ciência e a Arte foram transmitidas às épocas posteriores e a climas distantes, apesar da confusão das línguas ou dialetos, a qual, embora possa ter ajudado a dar origem à faculdade dos Maçons e à sua antiga prática universal de conversar sem falar e de se reconhecer à distância, não impediu o aperfeiçoamento da Maçonaria em cada colônia, nem a sua comunicação no seu dialeto nacional próprio.

9 E sem dúvida a Arte Real foi levada ao Egito por Mizraim, o segundo filho de Cam, cerca de seis anos depois da confusão de Babel, e 160 anos depois do dilúvio, quando ele levou para lá a sua colônia (pois Egito em hebraico é Mizraim); porque vemos que as cheias do rio Nilo, transbordando as margens, logo provocaram um aperfeiçoamento da Geometria, que por consequência tornou a Maçonaria muito procurada; pois as antigas e nobres cidades, com os outros magníficos edifícios daquele país, e em especial as famosas Pirâmides, demonstram o gosto e o gênio precoces daquele an-

tigo reino. Mais ainda: uma daquelas Pirâmides egípcias é contada como a primeira das sete maravilhas do mundo, e o relato que dela fazem historiadores e viajantes é quase inacreditável.

10 Os Registros Sagrados nos informam bem que os onze grandes filhos de Canaã (o filho mais novo de Cam) logo se fortificaram em fortalezas e imponentes cidades muradas, e ergueram belíssimos templos e mansões; pois, quando os israelitas, sob o grande Josué, invadiram o seu país, encontraram-no tão regularmente fortificado que, sem a intervenção imediata de Deus em favor do seu povo escolhido, os cananeus seriam inexpugnáveis e invencíveis. Nem podemos supor menos dos outros filhos de Cam, a saber: Cuxe, o mais velho, no sul da Arábia, e Pute, ou Putes (hoje chamado Fez), na África ocidental.

11 E certamente a bela e valente posteridade de Jafé (o filho mais velho de Noé), mesmo os que viajaram para as ilhas dos gentios, deve ter sido igualmente hábil na Geometria e na Maçonaria; embora saibamos pouco dos seus feitos e das suas grandes obras até que o seu saber original quase se perdeu pelos estragos da guerra e por não manterem uma devida correspondência com as nações civilizadas e eruditas; pois, quando essa correspondência se abriu em épocas posteriores, vemos que começaram a ser arquitetos muito engenhosos.

12 A posteridade de Sem teve também iguais oportunidades de cultivar a arte útil, mesmo aqueles que estabeleceram as suas colônias no sul e no leste da Ásia, e muito mais os que, no grande império assírio, viviam num estado à parte ou se misturaram com outras famílias; mais ainda: aquele santo ramo de Sem (do qual, segundo a carne, veio Cristo) não podia ser inábil nas artes eruditas da Assíria; pois Abrão, aproximadamente 268 anos

depois da confusão de Babel, foi chamado de Ur dos Caldeus, onde aprendeu a Geometria e as artes que se fazem por ela, que ele transmitiria com cuidado a Ismael, a Isaque e aos seus filhos com Quetura; e, por Isaque, a Esaú e a Jacó e aos doze Patriarcas; mais ainda: os judeus creem que Abrão também instruiu os egípcios no saber assírio.

13 De fato, a família escolhida usou por muito tempo só a arquitetura militar, pois eram peregrinos entre estranhos; mas, antes que se completassem os 430 anos da sua peregrinação, aproximadamente 86 anos antes do seu êxodo, os Reis do Egito forçaram a maioria deles a deixar os seus instrumentos de pastor e os seus apetrechos de guerra, e os treinaram noutro tipo de arquitetura, em pedra e tijolo, como nos informam a Sagrada Escritura e outras histórias, o que Deus sabiamente dispôs para fazer deles bons Maçons antes que possuíssem a terra prometida, então famosa pela mais engenhosa Maçonaria.

14 E, enquanto marchavam para Canaã, através da Arábia, sob Moisés, aprouve a Deus inspirar Bezalel, da tribo de Judá, e Aoliabe, da tribo de Dã, com sabedoria de coração para erguer aquela gloriosíssima tenda ou tabernáculo onde residia a Shekinah, que, embora não fosse de pedra nem de tijolo, foi construída pela Geometria, uma belíssima peça de arquitetura (e depois serviu de modelo ao Templo de Salomão), segundo o modelo que Deus mostrara a Moisés no Monte; que por isso se tornou o Mestre Maçom Geral, além de Rei de Jesurum, sendo bem versado em todo o saber egípcio e divinamente inspirado com um conhecimento mais sublime na Maçonaria.

15 De modo que os israelitas, ao sair do Egito, eram um reino inteiro de Maçons, bem instruídos, sob a condução do seu Grão-Mestre Moisés, que muitas vezes os reunia numa Loja regular e geral, enquanto estavam no deserto, e lhes dava sábias obrigações, ordens etc., se tivessem sido bem observadas! Mas não se deve mencionar mais destas coisas.

16 E, depois de possuírem Canaã, os israelitas não ficaram atrás dos antigos habitantes na Maçonaria, mas antes a aperfeiçoaram muito, por direção especial do Céu; fortificaram melhor, e melhoraram as casas das suas cidades e os palácios dos seus chefes, e só ficaram atrás na arquitetura sagrada enquanto o Tabernáculo existiu, e não mais; pois o mais belo edifício sagrado dos cananeus era o Templo de Dagon em Gaza dos filisteus, muito magnífico, e grande o bastante para receber 5000 pessoas sob o seu teto, que era sustentado com arte por duas colunas principais, e que era uma maravilhosa demonstração da sua grande habilidade na verdadeira Maçonaria, como se deve reconhecer.

17 Mas o Templo de Dagon, e as mais belas construções de Tiro e Sidom, não podiam ser comparados com o Templo do Deus Eterno em Jerusalém, começado e terminado, para espanto do mundo inteiro, no curto espaço de sete anos e seis meses, por aquele homem sapientíssimo e gloriosíssimo Rei de Israel, o Príncipe da Paz e da Arquitetura, Salomão (o filho de Davi, a quem foi recusada essa honra por ser um homem de sangue), por direção divina, sem o ruído das ferramentas dos trabalhadores, embora nele estivessem empregados nada menos que 3.600 Príncipes, ou Mestres Maçons, para conduzir a obra segundo as instruções de Salomão, com 80.000 cortadores de pedra na montanha, ou Companheiros do Ofício, e 70.000 carregadores, ao todo 153.600; além do recrutamento sob Adonirão para traba-

lhar nas montanhas do Líbano em turnos com os sidônios, a saber: 30.000; sendo ao todo 183.600; por esse grande número de engenhosos Maçons, Salomão ficou muito obrigado a Hirão, ou Hurão, Rei de Tiro, que mandou os seus pedreiros e carpinteiros a Jerusalém, e os abetos e cedros do Líbano a Jope, o porto mais próximo.

18 Mas, acima de tudo, mandou o seu homônimo Hirão, ou Hurão, o Maçom mais completo da terra.

19 E a despesa prodigiosa dele também aumenta a sua excelência; pois, além dos vastos preparativos do Rei Davi, o seu filho mais rico, Salomão, e todos os israelitas ricos, e os nobres de todos os reinos vizinhos, contribuíram largamente para ele com ouro, prata e ricas joias, que somaram uma quantia quase inacreditável.

20 Nem lemos de coisa alguma em Canaã tão grande, pois o muro que o cercava tinha 7.700 pés de circuito; muito menos de alguma estrutura sagrada digna de ser nomeada ao lado dele, pelas dimensões exatamente proporcionadas e belas, desde o magnífico pórtico a leste até o glorioso e venerável Santo dos Santos a oeste, com aposentos belíssimos e convenientes para os Reis e Príncipes, Sacerdotes e Levitas, Israelitas e também Gentios; sendo uma Casa de Oração para todas as nações, e capaz de receber no Templo propriamente dito, e em todos os seus pátios e aposentos juntos, nada menos que 300.000 pessoas, num cálculo modesto, dando um côvado quadrado a cada pessoa.

21 E, se considerarmos as 1.453 colunas de mármore de Paros, com o dobro de pilastras, ambas com gloriosos capitéis de várias ordens, e aproximadamente 2.246 janelas, além das do pavimento, com as indizíveis e custosas

decorações do seu interior (e muito mais se poderia dizer), devemos concluir que a sua aparência transcendia a nossa imaginação; e que foi com justiça considerado de longe a mais bela peça de Maçonaria da terra, antes ou depois, e a principal maravilha do mundo; e foi dedicado ou consagrado da maneira mais solene pelo Rei Salomão.

22 Mas, deixando o que não deve, e de fato não pode, ser comunicado por escrito, podemos afirmar com segurança que, por mais ambiciosos que os pagãos fossem em cultivar a Arte Real, ela nunca foi aperfeiçoada até que Deus se dignou instruir o seu povo escolhido na construção da imponente tenda acima mencionada e, por fim, na edificação desta casa suntuosa, digna do brilho especial da sua glória, onde ele habitava entre os Querubins sobre o Propiciatório, e de onde lhes dava frequentes respostas de oráculo.

23 Este edifício suntuosíssimo, esplêndido, belo e glorioso logo atraiu os artistas curiosos de todas as nações a passar algum tempo em Jerusalém e examinar as suas excelências próprias, tanto quanto era permitido aos Gentios, pelo que logo descobriram que todo o mundo, com a sua habilidade somada, ficava muito atrás dos israelitas na sabedoria e destreza da arquitetura, quando o sábio Rei Salomão era Grão-Mestre da Loja de Jerusalém, e o erudito Rei Hirão era Grão-Mestre da Loja de Tiro, e o inspirado Hirão Abif era Mestre da Obra, e a Maçonaria estava sob o cuidado e a direção imediata do Céu, quando os nobres e os sábios julgavam uma honra ajudar os engenhosos Mestres e Companheiros, e quando o Templo do verdadeiro Deus se tornou a maravilha de todos os viajantes, pelo qual, como pelo modelo mais perfeito, corrigiram a arquitetura do seu próprio país ao voltar.

24 De modo que, depois da construção do Templo de Salomão, a Maçonaria se aperfeiçoou em todas as nações vizinhas; pois os muitos artistas empregados nele, sob Hirão Abif, depois de terminado, se espalharam pela Síria, Mesopotâmia, Assíria, Caldeia, Babilônia, Média, Pérsia, Arábia, África, Ásia Menor, Grécia e outras partes da Europa, onde ensinaram esta arte liberal aos filhos nascidos livres de pessoas eminentes, por cuja destreza os reis, príncipes e potentados construíram muitas obras gloriosas, e se tornaram Grão-Mestres, cada um no seu território, e rivalizavam em se destacar nesta Arte Real; mais ainda: até na Índia, onde a correspondência estava aberta, podemos concluir o mesmo; mas nenhuma das nações, nem todas juntas, podia rivalizar com os israelitas, muito menos superá-los, na Maçonaria, e o seu Templo ficou sendo o modelo constante.

25 Mais ainda: o Grande Monarca Nabucodonosor nunca conseguiu, com todas as suas indizíveis vantagens, levar a sua Maçonaria à bela solidez e magnificência da obra do Templo, que ele, em fúria guerreira, queimara, depois de ter permanecido em esplendor 416 anos desde a sua consagração.

25.2 Pois, terminadas as suas guerras e proclamada a paz geral, ele pôs o coração na arquitetura e se tornou o Grão-Mestre Maçom; e, tendo antes levado cativos os engenhosos artistas da Judeia e de outros países conquistados, ergueu de fato a maior obra da terra, os muros e a cidade, os palácios e os jardins suspensos, a ponte e o templo da Babilônia, a terceira das sete maravilhas do mundo, embora muito inferior, na sublime perfeição da Maçonaria, ao santo, encantador e amável Templo de Deus.

25.3 Mas, como os cativos judeus foram de especial utilidade a Nabucodonosor nas suas gloriosas construções, sendo assim mantidos no trabalho, conservaram a sua grande habilidade na Maçonaria e continuaram muito

capazes de reconstruir o santo Templo e a cidade de Salém sobre os seus antigos alicerces, o que foi ordenado pelo édito ou decreto do grande Ciro, segundo a Palavra de Deus, que predissera a sua exaltação e este decreto: e, tendo Ciro constituído Zorobabel, filho de Salatiel (da semente de Davi, por Natã, irmão de Salomão, cuja família real estava então extinta), chefe, ou Príncipe do cativeiro, e guia dos judeus e israelitas que voltavam a Jerusalém, começaram a lançar os alicerces do segundo Templo, e logo o teriam terminado, se Ciro tivesse vivido; mas por fim puseram a pedra de remate no sexto ano de Dario, o monarca persa, quando foi dedicado com alegria e muitos grandes sacrifícios por Zorobabel, o Príncipe e Mestre Maçom Geral dos judeus, aproximadamente 20 anos depois do decreto do Grande Ciro.

25.4 E, embora este Templo de Zorobabel ficasse muito abaixo do Templo de Salomão, não fosse tão ricamente adornado de ouro e diamantes e de toda espécie de pedras preciosas, nem tivesse nele a Shekinah e as santas relíquias de Moisés etc., ainda assim, erguido exatamente sobre os alicerces de Salomão e segundo o seu modelo, continuava sendo o edifício mais regular, simétrico e glorioso do mundo inteiro, como os inimigos dos judeus muitas vezes testemunharam e reconheceram.

26 Por fim a Arte Real foi levada à Grécia, cujos habitantes não nos deixaram nenhum testemunho de tais aperfeiçoamentos na Maçonaria anteriores ao Templo de Salomão; pois as suas construções mais antigas, como a Cidadela de Atenas, com o Partenon, ou Templo de Minerva, os Templos também de Teseu, de Júpiter Olímpico etc., também os seus pórticos e foros, os seus teatros e ginásios, os seus edifícios públicos, as suas engenhosas

pontes, as suas fortificações regulares, os seus sólidos navios de guerra e os seus imponentes palácios, foram todos erguidos depois do Templo de Salomão, e a maioria deles até depois do Templo de Zorobabel.

27 Nem vemos os gregos chegarem a algum conhecimento considerável da Geometria antes do grande Tales de Mileto, o filósofo, que morreu no reinado de Belsazar, no tempo do cativeiro judeu. Mas o seu discípulo, o ainda maior Pitágoras, foi o autor da 47ª Proposição do primeiro livro de Euclides, que, se bem observada, é o fundamento de toda a Maçonaria, sagrada, civil e militar.

28 O povo da Ásia Menor, por esse tempo, deu grande incentivo aos Maçons para erguer toda espécie de construções suntuosas, uma das quais não se deve esquecer, pois costuma ser contada como a quarta das sete maravilhas do mundo, a saber: o Mausoléu, ou Túmulo de Mausolo, Rei da Cária, entre a Lícia e a Jônia, em Halicarnasso, na encosta do Monte Tauro, naquele reino, por ordem de Artemísia, a sua viúva enlutada, como esplêndido testemunho do seu amor por ele, construído do mais fino mármore, com 411 pés de circuito e 25 côvados de altura, cercado de 26 colunas da mais famosa escultura, e todo aberto por todos os lados, com arcos de 73 pés de largura, executado pelos quatro principais Mestres Maçons e gravadores daquele tempo, a saber: o lado leste por Escopas, o oeste por Leocares, o norte por Bríaxis e o sul por Timóteo.

29 Mas, depois de Pitágoras, a Geometria se tornou o estudo predileto da Grécia, onde surgiram muitos filósofos eruditos, alguns dos quais inventaram várias Proposições, ou Elementos de Geometria, e as aplicaram ao uso das artes mecânicas. Nem precisamos duvidar de que a Maçonaria acompanhou o passo da Geometria; ou antes, sempre a seguiu em aperfeiçoamen-

tos graduais e proporcionados, até que o admirável Euclides de Tiro floresceu em Alexandria, o qual, juntando os elementos dispersos da Geometria, os ordenou num método que nunca foi melhorado (e pelo qual o seu nome será sempre celebrado), sob o patrocínio de Ptolomeu, filho de Lago, Rei do Egito, um dos sucessores imediatos de Alexandre, o Grande.

30 E, à medida que a nobre ciência passou a ser ensinada com mais método, a Arte Real foi mais em geral estimada e aperfeiçoada entre os gregos, que por fim chegaram à mesma habilidade e magnificência nela que os seus mestres, os asiáticos e os egípcios.

31 O Rei seguinte do Egito, Ptolomeu Filadelfo, aquele grande promotor das artes liberais e de todo saber útil, que reuniu a maior biblioteca da terra e mandou traduzir pela primeira vez para o grego o Antigo Testamento (ao menos o Pentateuco), tornou-se um excelente arquiteto e Mestre Maçom Geral, tendo erguido, entre as suas outras grandes construções, a famosa Torre de Faros, a quinta das sete maravilhas do mundo.

32 Podemos crer facilmente que as nações africanas, até a costa do Atlântico, logo imitaram o Egito em tais aperfeiçoamentos, embora a história falte e não haja viajantes incentivados a descobrir os valiosos restos de Maçonaria daquelas nações outrora famosas.

33 Nem devemos esquecer a erudita Ilha da Sicília, onde floresceu o prodigioso geômetra Arquimedes, que foi infelizmente morto quando Siracusa foi tomada por Marcelo, o General romano; pois da Sicília, assim como da Grécia, do Egito e da Ásia, os antigos romanos aprenderam tanto a ciência como a arte, sendo o que sabiam antes ou pobre ou irregular; mas, à medida que subjugavam as nações, fizeram grandes descobertas em ambas; e,

como homens sábios, levaram cativos para Roma não o grosso do povo, mas as artes e as ciências, com os seus mais eminentes professores e praticantes, e Roma assim se tornou o centro do saber, bem como do poder imperial, até chegarem ao zênite da sua glória, sob Augusto César (em cujo reinado nasceu o Messias de Deus, o grande Arquiteto da Igreja), que, tendo pacificado o mundo ao proclamar a paz universal, incentivou muito aqueles hábeis artistas que tinham sido formados na liberdade romana, e os seus eruditos discípulos e alunos; mas em especial o grande Vitrúvio, o pai de todos os verdadeiros arquitetos até hoje.

34 Por isso se crê com razão que o glorioso Augusto se tornou o Grão-Mestre da Loja de Roma, tendo, além de patrocinar Vitrúvio, promovido muito o bem-estar dos Companheiros do Ofício, como mostram as muitas construções magníficas do seu reinado, cujos restos são o modelo e o padrão da verdadeira Maçonaria em todos os tempos futuros, sendo de fato um resumo da arquitetura asiática, egípcia, grega e siciliana, que muitas vezes chamamos de estilo augustano, e que agora só procuramos imitar, sem ainda ter chegado à sua perfeição.

35 Os antigos registros dos Maçons dão amplas indicações das suas Lojas desde o princípio do mundo, nas nações civilizadas, principalmente em tempos de paz, e quando os poderes civis, abominando a tirania e a escravidão, davam livre curso ao gênio brilhante e livre dos seus súditos felizes; pois então sempre os Maçons, acima de todos os outros artistas, eram os favoritos dos poderosos e se tornavam necessários às suas grandes empresas em qualquer tipo de material, não só em pedra, tijolo, madeira e reboco, mas até em pano ou peles, ou o que quer que se usasse para tendas e para os vários tipos de arquitetura.

36 Nem se deve esquecer que também os pintores e os escultores sempre foram tidos por bons Maçons, tanto quanto os construtores, canteiros, pedreiros, carpinteiros, marceneiros, estofadores ou fabricantes de tendas, e muitíssimos outros artífices que se poderiam nomear, que trabalham segundo a Geometria e as regras da construção; embora nenhum, desde Hirão Abif, tenha ficado famoso pela habilidade em todas as partes da Maçonaria; e basta disto.

37 Mas, entre os pagãos, enquanto a nobre ciência da Geometria foi devidamente cultivada, tanto antes como depois do reinado de Augusto, até o quinto século da era cristã, a Maçonaria foi tida em grande estima e veneração; e, enquanto o império romano continuou na sua glória, a Arte Real foi cuidadosamente propagada, até a Última Tule, e uma Loja foi erguida em quase toda guarnição romana; pelo que comunicaram generosamente a sua habilidade às partes norte e oeste da Europa, que se tinham tornado bárbaras antes da conquista romana, embora não saibamos ao certo há quanto tempo; porque alguns pensam que há alguns restos de boa Maçonaria anteriores a esse período em algumas partes da Europa, erguidos pela habilidade original que as primeiras colônias trouxeram consigo, como os edifícios celtas, erguidos pelos antigos gauleses, e também pelos antigos bretões, que eram uma colônia dos celtas, muito antes de os romanos invadirem esta ilha.

38 Mas, quando os godos e os vândalos, que nunca tinham sido conquistados pelos romanos, como um dilúvio geral inundaram o império romano, com fúria guerreira e grosseira ignorância destruíram por completo muitos dos edifícios mais belos e danificaram outros, escapando pouquíssimos, as-

sim como as nações asiáticas e africanas caíram na mesma calamidade pelas conquistas dos maometanos, cujo grande desígnio é só converter o mundo pelo fogo e pela espada, em vez de cultivar as artes e as ciências.

39 Assim, no declínio do império romano, quando as guarnições britânicas foram retiradas, os anglos e outros saxões baixos, convidados pelos antigos bretões a vir ajudá-los contra os escotos e os pictos, acabaram subjugando a parte sul desta ilha, que chamaram de Inglaterra, ou Terra dos Anglos, os quais, sendo aparentados com os godos, ou antes uma espécie de vândalos, da mesma disposição guerreira, e pagãos ignorantes, não incentivaram nada além da guerra, até se tornarem cristãos; e então lamentaram tarde demais a ignorância dos seus pais na grande perda da Maçonaria romana, mas não souberam como repará-la.

40 No entanto, tornando-se um povo livre (como atestam as antigas leis saxônicas) e tendo disposição para a Maçonaria, logo começaram a imitar os asiáticos, os gregos e os romanos, erguendo Lojas e incentivando os Maçons, sendo ensinados não só pelas fiéis tradições e valiosos restos dos bretões, mas até por Príncipes estrangeiros, em cujos domínios a Arte Real fora em grande parte preservada das ruínas góticas, em especial por Carlos Martel, Rei da França, que, segundo os antigos registros dos Maçons, mandou para a Inglaterra vários artífices hábeis e arquitetos eruditos, a pedido dos reis saxões; de modo que, durante a heptarquia, a arquitetura gótica foi aqui tão incentivada como noutras terras cristãs.

41 E, embora as muitas invasões dos dinamarqueses tenham causado a perda de muitos registros, nos tempos de trégua ou de paz não atrapalharam muito a boa obra, embora não feita segundo o estilo augustano; mais ainda: a vasta despesa feita com ela, com as engenhosas invenções dos artis-

tas para suprir a habilidade romana, fazendo o melhor que podiam, demonstram a sua estima e o seu amor pela Arte Real, e tornaram veneráveis os edifícios góticos, embora não imitáveis para os que apreciam a arquitetura antiga.

42 E, depois que os saxões e os dinamarqueses foram conquistados pelos normandos, assim que as guerras acabaram e a paz foi proclamada, a Maçonaria gótica foi incentivada, já no reinado do Conquistador e do seu filho, o Rei Guilherme Rufo, que construiu o Salão de Westminster, talvez o maior salão de uma só peça da terra.

43 Nem as guerras dos Barões, nem as muitas guerras sangrentas dos reis normandos seguintes e dos seus ramos rivais, atrapalharam muito as construções mais suntuosas e elevadas daqueles tempos, erguidas pelo alto clero (que, gozando de grandes rendas, podia bem arcar com a despesa) e até pela Coroa; pois lemos que o Rei Eduardo III tinha um oficial chamado o Franco-Maçom do Rei, ou Inspetor Geral das suas construções, cujo nome era Henry Yevele, empregado por aquele rei para construir várias abadias e a Capela de Santo Estêvão em Westminster, onde a Câmara dos Comuns se reúne hoje em Parlamento.

44 Mas, para maior instrução dos candidatos e dos irmãos mais novos, um certo registro dos Franco-Maçons, escrito no reinado do Rei Eduardo IV, da linhagem normanda, dá o seguinte relato, a saber:

45 Que, embora os antigos registros da irmandade na Inglaterra tenham sido em grande parte destruídos ou perdidos nas guerras dos saxões e dos dinamarqueses, o Rei Atelstano (neto do Rei Alfredo, o Grande, um grande arquiteto), o primeiro Rei ungido da Inglaterra, e que traduziu a

Bíblia Sagrada para a língua saxônica, quando trouxe a terra ao repouso e à paz, construiu muitas grandes obras e incentivou muitos Maçons da França, que foram nomeados inspetores delas, e trouxeram consigo as Obrigações e os Regulamentos das Lojas, preservados desde os tempos romanos, e também convenceram o rei a melhorar a Constituição das Lojas inglesas segundo o modelo estrangeiro, e a aumentar o salário dos Maçons operativos.

46 Que o filho mais novo do dito Rei, o Príncipe Edwin, tendo aprendido a Maçonaria e tomado sobre si as Obrigações de um Mestre Maçom, pelo amor que tinha ao dito ofício e aos princípios honrosos sobre os quais ele se funda, obteve do Rei Atelstano, seu pai, uma carta de liberdade para que os Maçons tivessem uma correção entre si (como se dizia antigamente), ou uma liberdade e poder de se regular a si mesmos, de emendar o que acontecesse de errado, e de realizar uma comunicação anual e Assembleia Geral.

47 Que, assim, o Príncipe Edwin convocou todos os Maçons do reino a encontrá-lo numa congregação em York, que vieram e compuseram uma Loja Geral, da qual ele foi Grão-Mestre; e, tendo trazido consigo todos os escritos e registros existentes, uns em grego, outros em latim, outros em francês e noutras línguas, a partir do conteúdo deles aquela Assembleia estabeleceu a Constituição e as Obrigações de uma Loja inglesa, fez uma lei para preservá-las e observá-las em todo o tempo vindouro, e ordenou bom pagamento para os Maçons operativos etc.

48 Que, com o correr do tempo, quando as Lojas se tornaram mais frequentes, o muito venerável Mestre e os Companheiros, com o consentimento dos senhores do reino (pois a maioria dos grandes homens era então Ma-

çom), ordenaram que, dali em diante, na iniciação ou admissão de um irmão, a Constituição fosse lida, e as Obrigações aqui anexadas, pelo Mestre ou pelo Vigilante; e que aqueles que fossem admitidos Mestres Maçons, ou Mestres de Obra, fossem examinados para ver se tinham habilidade para servir os seus respectivos Senhores, tanto o mais baixo como o mais alto, para honra e dignidade da dita arte e proveito dos seus Senhores; pois são seus Senhores os que os empregam e lhes pagam pelo seu serviço e trabalho.

49 E, além de muitas outras coisas, o dito registro acrescenta que aquelas Obrigações e leis dos Franco-Maçons foram vistas e examinadas pelo nosso falecido Soberano, o Rei Henrique VI, e pelos Senhores do seu honrado Conselho, que as aprovaram e disseram que eram muito boas e razoáveis para ser mantidas, tal como foram tiradas e recolhidas dos registros de tempos antigos.

50 Ora, embora no terceiro ano do dito Rei Henrique VI, quando era uma criança de uns quatro anos, o Parlamento tenha feito uma lei que atingia só os Maçons operativos, que, contra os estatutos dos trabalhadores, se tinham coligado para não trabalhar senão pelo seu próprio preço e salário; e porque se supunha que tais acordos eram feitos nas Lojas Gerais, chamadas na lei Capítulos e Congregações de Maçons, julgou-se então conveniente dirigir a dita lei contra as ditas congregações; porém, quando o dito Rei Henrique VI chegou à idade adulta, os Maçons apresentaram a ele e aos seus Senhores os Registros e Obrigações acima mencionados, que eles, é claro, examinaram e aprovaram solenemente como bons e razoáveis para ser mantidos: mais ainda, o dito Rei e os seus Senhores devem ter sido incorporados aos Franco-Maçons antes de poderem fazer tal exame dos Re-

gistros; e neste reinado, antes das desgraças do Rei Henrique, os Maçons foram muito incentivados. Nem há nenhum caso de execução daquela lei naquele ou em qualquer outro reinado desde então, e os Maçons nunca abandonaram as suas Lojas por causa dela, nem jamais acharam que valesse a pena empregar os seus irmãos nobres e eminentes para fazê-la revogar; porque os Maçons operativos que são livres da Loja desprezam ser culpados de tais coligações; e os outros Maçons livres não têm nada a ver com as infrações aos estatutos dos trabalhadores.

51 Os Reis da Escócia incentivaram muito a Arte Real, desde os tempos mais antigos até a união das coroas, como mostram os restos de gloriosas construções naquele antigo reino e as Lojas ali mantidas sem interrupção por muitas centenas de anos, cujos registros e tradições atestam o grande respeito daqueles reis por esta honrada fraternidade, que sempre deu provas evidentes do seu amor e lealdade, de onde nasceu o velho brinde entre os Maçons escoceses, a saber: Deus abençoe o Rei e o Ofício!

52 Nem o exemplo real foi desprezado pela nobreza, pela fidalguia e pelo clero da Escócia, que se juntaram em tudo para o bem do ofício e da irmandade, sendo muitas vezes os reis os Grão-Mestres, até que, entre outras coisas, os Maçons da Escócia receberam o poder de ter um Grão-Mestre e um Grande Vigilante certos e fixos, que tinham um salário da Coroa e também uma contribuição de cada novo irmão do reino na sua entrada, cuja tarefa era não só regular o que acontecesse de errado na irmandade, mas também ouvir e decidir definitivamente todas as controvérsias entre o Maçom e o Senhor, punir o Maçom, se o merecesse, e obrigar ambos a termos justos; e nessas audiências, se o Grão-Mestre estava ausente (o qual era sempre de nascimento nobre), presidia o Grande Vigilante. Esse privilégio durou até

as guerras civis, mas hoje está caduco; nem pode bem ser restabelecido até que o Rei se torne Maçom, porque não foi de fato exercido na união dos reinos.

53 No entanto, o grande cuidado que os escoceses tiveram com a verdadeira Maçonaria mostrou-se depois muito útil à Inglaterra, pois a erudita e magnânima Rainha Isabel, que incentivou outras artes, desestimulou esta; porque, sendo mulher, não podia ser feita Maçom, embora, como outras grandes mulheres, pudesse ter empregado muito os Maçons, como Semíramis e Artemísia.

54 Mas, depois da sua morte, o Rei Jaime VI da Escócia, sucedendo à coroa da Inglaterra, sendo um Rei Maçom, fez reviver as Lojas inglesas; e, assim como foi o primeiro Rei da Grã-Bretanha, foi também o primeiro Príncipe do mundo que recuperou a arquitetura romana das ruínas da ignorância gótica; pois, depois de muitas eras obscuras ou iletradas, assim que todos os ramos do saber reviveram e a Geometria recuperou o seu terreno, as nações civilizadas começaram a descobrir a confusão e a impropriedade das construções góticas; e nos séculos XV e XVI o estilo augustano foi tirado do seu entulho na Itália por Bramante, Barbaro, Sansovino, Sangallo, Michelangelo, Rafael de Urbino, Júlio Romano, Serlio, Labacco, Scamozzi, Vignola e muitos outros brilhantes arquitetos; mas, acima de todos, pelo grande Palladio, que ainda não foi devidamente imitado na Itália, embora tenha sido justamente rivalizado na Inglaterra pelo nosso grande Mestre Maçom, Inigo Jones.

55 Mas, embora todos os verdadeiros Maçons honrem a memória daqueles arquitetos italianos, deve-se reconhecer que o estilo augustano não foi revivido por nenhuma cabeça coroada antes que o Rei Jaime, Sexto da Escócia

e Primeiro da Inglaterra, patrocinasse o dito glorioso Inigo Jones, a quem empregou para construir o seu Palácio Real de Whitehall; e no seu reinado sobre toda a Grã-Bretanha só se ergueu, como primeira parte dele, a Casa dos Banquetes, que é o mais belo salão de uma só peça da terra; e o engenhoso Mr. Nicholas Stone atuou como Mestre Maçom sob o arquiteto Jones.

56 Depois da sua morte, o seu filho, o Rei Carlos I, sendo também Maçom, patrocinou também o Mr. Jones, e tinha firme intenção de levar adiante o projeto de Whitehall do seu pai real, segundo o estilo do Mr. Jones; mas foi infelizmente desviado pelas guerras civis.

56.2 Depois que as guerras terminaram e a família real foi restaurada, a verdadeira Maçonaria foi igualmente restaurada, principalmente na infeliz ocasião do incêndio de Londres, no ano de 1666; pois então as casas da cidade foram reconstruídas mais segundo o estilo romano, quando o Rei Carlos II fundou a atual Catedral de São Paulo em Londres (tendo sido queimado o velho edifício gótico), muito no estilo de São Pedro de Roma, conduzida pelo engenhoso arquiteto Sir Christopher Wren.

56.3 Aquele rei fundou também o seu palácio real em Greenwich, segundo o projeto do Mr. Inigo Jones (que ele desenhou antes de morrer), conduzido pelo seu genro, o Mr. Web; hoje está transformado num hospital para marinheiros.

56.4 Fundou também o Colégio de Chelsea, um hospital para soldados; e em Edimburgo fundou e terminou o seu palácio real de Holyrood House, pelo projeto e condução de Sir William Bruce, Baronete, o Mestre das Obras Reais na Escócia; de modo que, além da tradição dos velhos Ma-

çons ainda vivos, que é digna de confiança, temos muita razão para crer que o Rei Carlos II era um Franco-Maçom aceito, como todos reconhecem que foi um grande incentivador dos artífices.

57 Mas, no reinado do seu irmão, o Rei Jaime II, embora se continuassem algumas construções romanas, as Lojas de Franco-Maçons em Londres decaíram muito na ignorância, por não serem devidamente frequentadas e cultivadas.

57.2 Mas, depois da revolução, no ano de 1688, o Rei Guilherme, embora Príncipe guerreiro, tendo bom gosto pela arquitetura, levou adiante os dois famosos hospitais já mencionados de Greenwich e Chelsea, construiu a bela parte do seu palácio real de Hampton Court, e fundou e terminou o seu incomparável palácio de Loo, na Holanda etc.

57.3 E o brilhante exemplo daquele glorioso Príncipe (que a maioria considera Franco-Maçom) influenciou a nobreza, a fidalguia, os ricos e os eruditos da Grã-Bretanha a preferir muito o estilo augustano, como mostra um vasto número de edifícios engenhosíssimos erguidos desde então por todo o reino; pois, quando, no nono ano do reinado da nossa falecida Soberana, a Rainha Ana, Sua Majestade e o Parlamento concordaram numa lei para erguer 50 novas igrejas paroquiais em Londres, Westminster e arredores, e a Rainha concedeu uma comissão a vários Ministros de Estado, à principal nobreza, à alta fidalguia e a cidadãos eminentes, aos dois Arcebispos, com vários outros Bispos e dignitários do clero, para pôr a lei em execução, eles ordenaram que as ditas novas igrejas fossem erguidas segundo o antigo estilo romano, como mostram as que já estão erguidas; e os atuais honrados Comissários, tendo o mesmo bom juízo de arquitetura, estão levando adiante o mesmo louvável grande projeto, e fazendo reviver o estilo

antigo, por ordem, apoio e incentivo de Sua atual Majestade, o Rei Jorge, que também se dignou lançar a primeira pedra nos alicerces da sua igreja paroquial de São Martinho nos Campos, no canto sudeste (pelo procurador de Sua Majestade naquela ocasião, o atual Bispo de Salisbury), que agora está sendo reconstruída, sólida, grande e bela, à custa dos paroquianos.

58 Em suma, seriam precisos muitos volumes grandes para conter os muitos exemplos esplêndidos da poderosa influência da Maçonaria desde a criação, em toda época e em toda nação, tal como se poderia recolher de historiadores e viajantes; mas principalmente naquelas partes do mundo onde os europeus mantêm correspondência e comércio, os curiosos descobriram tais restos de colunatas antigas, grandes, engenhosas e magníficas, que não conseguem lamentar o bastante as devastações gerais dos godos e dos maometanos; e devem concluir que nenhuma arte foi jamais tão incentivada como esta, assim como de fato nenhuma outra é de utilidade tão ampla para a humanidade.

59 Mais ainda: se fosse conveniente, poder-se-ia mostrar que desta antiga fraternidade as Sociedades ou Ordens dos cavaleiros guerreiros, e também dos religiosos, com o correr do tempo tomaram emprestados muitos usos solenes; pois nenhuma delas foi mais bem instituída, mais decentemente instalada, nem observou mais religiosamente as suas leis e Obrigações do que os Maçons Aceitos, que, em todas as épocas e em toda nação, mantiveram e propagaram os seus assuntos de um modo próprio, em que os mais astutos e os mais eruditos não conseguem penetrar, embora isso tenha sido tentado muitas vezes, enquanto eles se conhecem e se amam uns aos outros, até sem a ajuda da fala, ou quando são de línguas diferentes.

60 E agora as nações britânicas, nascidas livres, livres das guerras estrangeiras e civis e gozando os bons frutos da paz e da liberdade, tendo ultimamente dado muito curso ao seu feliz gênio para a Maçonaria de todo tipo e feito reviver as Lojas decadentes de Londres, esta bela metrópole floresce, assim como outras partes, com várias dignas Lojas particulares, que têm uma comunicação trimestral e uma Grande Assembleia anual, em que as formas e os usos da antiquíssima e venerável fraternidade são sabiamente propagados, a Arte Real devidamente cultivada e o cimento da irmandade preservado; de modo que todo o corpo se assemelha a um arco bem construído, tendo vários nobres e cavalheiros da melhor posição, com clérigos e eruditos da maioria das profissões e denominações, aderido francamente e se submetido a receber as Obrigações e a usar as insígnias de um Maçom Livre e Aceito, sob o nosso atual digno Grão-Mestre, o Mui Nobre Príncipe John, Duque de Montagu.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

AS OBRIGAÇÕES DE UM FRANCO-MAÇOM

✦

1 As Obrigações de um Franco-Maçom, extraídas dos antigos Registros das Lojas de além-mar e das da Inglaterra, Escócia e Irlanda, para uso das Lojas de Londres: para serem lidas na iniciação de Novos Irmãos, ou quando o Mestre o ordenar.

2 Os Títulos Gerais, a saber:
I. De Deus e da Religião.
II. Do Magistrado Civil, Supremo e Subordinado.
III. Das Lojas.
IV. Dos Mestres, Vigilantes, Companheiros e Aprendizes.
V. Da Direção do Ofício no trabalho.
VI. Do Comportamento, a saber:
1. Na Loja enquanto constituída.
2. Depois de encerrada a Loja e antes de os Irmãos saírem.
3. Quando os Irmãos se encontram sem Estranhos, mas não em Loja.
4. Na Presença de Estranhos que não são Maçons.
5. Em Casa e na Vizinhança.
6. Para com um Irmão estranho.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

I. SOBRE DEUS E A RELIGIÃO

✦

1 Um Maçom é obrigado, pela sua Condição, a obedecer à Lei Moral; e, se compreende bem a Arte, nunca será um Ateu estúpido nem um Libertino irreligioso. Mas, embora nos Tempos antigos os Maçons fossem obrigados em cada País a ser da Religião daquele País ou Nação, qualquer que fosse, julga-se agora mais conveniente obrigá-los apenas àquela Religião em que todos os Homens concordam, deixando a cada um as suas Opiniões particulares; isto é, a ser homens bons e verdadeiros, ou Homens de Honra e Honestidade, quaisquer que sejam as Denominações ou Crenças pelas quais se distingam; pelo que a Maçonaria se torna o Centro de União e o Meio de estabelecer verdadeira Amizade entre pessoas que teriam permanecido a uma Distância perpétua.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

II. DO MAGISTRADO CIVIL, SUPREMO E SUBORDINADO

✦

1 Um Maçom é um Súdito pacífico dos Poderes Civis, onde quer que resida ou trabalhe, e nunca deve se envolver em Complôs e Conspirações contra a Paz e o Bem-estar da Nação, nem se comportar com desrespeito para com os Magistrados inferiores; pois, assim como a Maçonaria sempre foi prejudicada pela Guerra, pelo Derramamento de sangue e pela Confusão, assim os antigos Reis e Príncipes sempre estiveram muito dispostos a incentivar os Artífices, por causa do seu Caráter pacífico e da sua Lealdade, com o que respondiam na prática às Críticas dos seus Adversários e promoviam a Honra da Fraternidade, que sempre floresceu em Tempos de Paz. De modo que, se um Irmão for Rebelde contra o Estado, não deve ser apoiado na sua Rebelião, por mais que se possa ter pena dele como de um Homem infeliz; e, se não for condenado por nenhum outro Crime, embora a leal Irmandade deva e tenha o dever de rejeitar a sua Rebelião, e de não dar nenhum Motivo de desconfiança ou Pretexto de suspeita política ao Governo do momento, não podem expulsá-lo da Loja, e a sua Ligação com ela permanece inviolável.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

III. DAS LOJAS

✦

1 Uma Loja é um Lugar onde os Maçons se reúnem e trabalham: daí que essa Assembleia, ou Sociedade de Maçons devidamente organizada, se chama Loja, e todo Irmão deve pertencer a uma e estar sujeito ao seu Regimento e aos Regulamentos Gerais. Ela é Particular ou Geral, e será mais bem compreendida frequentando-a e pelos Regulamentos da Loja Geral ou Grande Loja aqui anexados.

1.2 Nos Tempos antigos, nenhum Mestre ou Companheiro podia faltar a ela, principalmente quando avisado para comparecer, sem incorrer numa Censura severa, a não ser que ficasse claro ao Mestre e aos Vigilantes que pura Necessidade o impediu.

2 As Pessoas admitidas como Membros de uma Loja devem ser Homens bons e verdadeiros, nascidos livres e de Idade madura e prudente, nem Servos, nem Mulheres, nem Homens imorais ou escandalosos, mas de boa Reputação.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

IV. DOS MESTRES, VIGILANTES, COMPANHEIROS E APRENDIZES

✦

1 Toda Promoção entre os Maçons se funda apenas no Valor real e no Mérito pessoal; para que os Senhores sejam bem servidos, os Irmãos não sejam envergonhados, nem o Ofício Real desprezado: por isso nenhum Mestre ou Vigilante é escolhido por Antiguidade, mas pelo seu Mérito. É impossível descrever estas coisas por escrito, e cada Irmão deve comparecer no seu Lugar e aprendê-las de um modo próprio desta Fraternidade: os Candidatos podem apenas saber que nenhum Mestre deve tomar um Aprendiz se não tiver Ocupação suficiente para ele, e se ele não for um Jovem perfeito, sem Mutilação ou Defeito no Corpo que o torne incapaz de aprender a Arte de servir o Senhor do seu Mestre, e de ser feito Irmão, e depois Companheiro do Ofício no devido tempo, mesmo depois de ter servido o Prazo de Anos que o Costume do País determina; e que deve descender de Pais honestos; para que, quando de outro modo qualificado, possa chegar à Honra de ser o Vigilante, e depois o Mestre da Loja, o Grande Vigilante e, por fim, o Grão-Mestre de todas as Lojas, segundo o seu Mérito.

2 Nenhum Irmão pode ser Vigilante antes de ter passado pelo grau de Companheiro do Ofício; nem Mestre antes de ter atuado como Vigilante, nem Grande Vigilante antes de ter sido Mestre de uma Loja, nem Grão-Mestre se não tiver sido Companheiro do Ofício antes da sua Eleição, devendo ser também de nascimento nobre, ou um Cavalheiro da melhor Condição, ou algum Erudito eminente, ou algum Arquiteto engenhoso, ou outro Artista, descendente de Pais honestos, e que seja de singular

grande Mérito na Opinião das Lojas. E, para o melhor, mais fácil e mais honroso Desempenho do seu Cargo, o Grão-Mestre tem o Poder de escolher o seu próprio Grão-Mestre Deputado, que deve ser então, ou ter sido antes, o Mestre de uma Loja particular, e tem o Privilégio de fazer tudo o que o Grão-Mestre, o seu Principal, faria, a não ser que o dito Principal esteja presente ou interponha a sua Autoridade por uma Carta.

3 Esses Dirigentes e Governantes, Supremos e Subordinados, da antiga Loja devem ser obedecidos nos seus respectivos Postos por todos os Irmãos, segundo as antigas Obrigações e Regulamentos, com toda Humildade, Reverência, Amor e Prontidão.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

V. DA DIREÇÃO DO OFÍCIO NO TRABALHO

✦

1 Todos os Maçons trabalharão honestamente nos Dias de trabalho, para que possam viver com dignidade nos Dias santos; e o horário fixado pela Lei do País, ou confirmado pelo Costume, será observado.

2 O mais hábil dos Companheiros do Ofício será escolhido ou nomeado Mestre, ou Supervisor da Obra do Senhor; e será chamado de Mestre pelos que trabalham sob ele. Os Artífices devem evitar toda Linguagem grosseira e não chamar uns aos outros por nenhum Nome ofensivo, mas de Irmão ou Companheiro; e se comportar com cortesia dentro e fora da Loja.

3 O Mestre, sabendo-se capaz e hábil, assumirá a Obra do Senhor do modo mais razoável possível e gastará fielmente os Bens dele como se fossem seus; e não dará a nenhum Irmão ou Aprendiz mais Salário do que ele realmente mereça.

4 Tanto o Mestre como os Maçons, recebendo os seus Salários com justiça, serão fiéis ao Senhor e terminarão honestamente a sua Obra, seja por Empreitada ou por Jornada; e não passarão a Empreitada a Obra que costumava ser feita por Jornada.

5 Ninguém mostrará Inveja da Prosperidade de um Irmão, nem o suplantará, nem o tirará da sua Obra, se ele for capaz de terminá-la; pois ninguém pode terminar a Obra de outro com tanto proveito para o Senhor, a não ser que conheça a fundo os Projetos e os Desenhos de quem a começou.

6 Quando um Companheiro do Ofício é escolhido Vigilante da Obra sob o Mestre, será fiel tanto ao Mestre como aos Companheiros, supervisionará cuidadosamente a Obra na Ausência do Mestre, para Proveito do Senhor; e os seus Irmãos lhe obedecerão.

7 Todos os Maçons empregados receberão humildemente os seus Salários, sem Murmuração nem Motim, e não abandonarão o Mestre antes de terminada a Obra.

8 Um Irmão mais Jovem será instruído no trabalho, para evitar que estrague os Materiais por falta de Discernimento, e para aumentar e manter o Amor fraternal.

9 Todas as Ferramentas usadas no trabalho serão aprovadas pela Grande Loja.

10 Nenhum Trabalhador braçal será empregado na Obra própria da Maçonaria; nem os Maçons Livres trabalharão com os que não são livres, sem uma Necessidade urgente; nem ensinarão os Trabalhadores e os Maçons não aceitos como ensinariam a um Irmão ou Companheiro.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VI. DO COMPORTAMENTO

✦

1 1. Na Loja enquanto constituída. Não deveis formar Comissões particulares, nem manter Conversa à parte sem Licença do Mestre, nem falar de coisa alguma impertinente ou inconveniente, nem interromper o Mestre ou os Vigilantes, ou qualquer Irmão que esteja falando ao Mestre; nem vos comportar de modo ridículo ou brincalhão enquanto a Loja está ocupada com o que é sério e solene; nem usar Linguagem imprópria sob nenhum Pretexto; mas prestar a devida Reverência ao vosso Mestre, Vigilantes e Companheiros, e honrá-los.

2 Se for apresentada alguma Queixa, o Irmão considerado culpado acatará a Sentença e a Decisão da Loja, que é o Juiz próprio e competente de todas essas Controvérsias (a não ser que a leveis por Apelação à Grande Loja), e à qual elas devem ser submetidas, a não ser que, entretanto, a Obra de um Senhor seja prejudicada, caso em que se pode fazer uma Consulta particular; mas nunca deveis recorrer à Justiça sobre o que diz respeito à Maçonaria, sem uma Necessidade absoluta e evidente para a Loja.

3 2. Comportamento depois de encerrada a Loja e antes de os Irmãos saírem. Podeis vos divertir com Alegria inocente, tratando-vos uns aos outros segundo as vossas Posses, mas evitando todo Excesso, ou obrigar algum Irmão a comer ou beber além da sua Vontade, ou impedi-lo de ir quando os seus Afazeres o chamam, ou fazer ou dizer qualquer coisa ofensiva, ou que possa impedir uma Conversa fácil e livre; pois isso arruinaria a nossa Harmonia e frustraria os nossos louváveis Propósitos.

3.2 Por isso nenhuma Desavença ou Briga particular deve ser trazida para dentro da Porta da Loja, muito menos Brigas sobre Religião, ou Nações, ou Política de Estado, pois nós somos, como Maçons, apenas da Religião universal acima mencionada; somos também de todas as Nações, Línguas, Raças e Idiomas, e estamos decididos contra toda Política, como coisa que nunca contribuiu para o Bem-estar da Loja, nem contribuirá jamais.

3.3 Esta Obrigação sempre foi rigorosamente imposta e observada; mas principalmente desde a Reforma na Grã-Bretanha, ou a Dissidência e Separação destas Nações da Comunhão de Roma.

4 3. Comportamento quando os Irmãos se encontram sem Estranhos, mas não numa Loja formada. Deveis saudar-vos uns aos outros de modo cortês, como sereis instruídos, chamando-vos de Irmão, dando livremente Instrução mútua quando se julgar conveniente, sem serdes vistos ou ouvidos, e sem invadir o espaço um do outro, nem diminuir o Respeito devido a qualquer Irmão, ainda que ele não fosse Maçom: pois, embora todos os Maçons sejam como Irmãos no mesmo Nível, a Maçonaria não tira de um Homem a Honra que ele tinha antes; antes, acrescenta à sua Honra, principalmente se ele mereceu bem da Irmandade, que deve dar Honra a quem é devida e evitar más Maneiras.

5 4. Comportamento na Presença de Estranhos que não são Maçons. Sereis cautelosos nas vossas Palavras e Atitudes, para que o Estranho mais perspicaz não consiga descobrir ou perceber o que não convém dar a entender; e às vezes desviareis uma conversa e a conduzireis com prudência para a Honra da Venerável Fraternidade.

6 5. Comportamento em Casa e na vossa Vizinhança. Deveis agir como convém a um Homem moral e sábio; em especial, não deixar que a vossa Família, Amigos e Vizinhos conheçam os Assuntos da Loja etc., mas cuidar sabiamente da vossa própria Honra e da da Antiga Irmandade, por Razões que não se devem mencionar aqui.

6.2 Deveis também cuidar da vossa Saúde, não ficando juntos até muito tarde, ou muito tempo fora de casa, depois de passadas as Horas da Loja; e evitando a Gula e a Embriaguez, para que as vossas Famílias não sejam descuidadas ou prejudicadas, nem vós fiqueis incapazes de trabalhar.

7 6. Comportamento para com um Irmão Estranho. Deveis examiná-lo com cautela, pelo Método que a Prudência vos indicar, para não serdes enganados por um falso Pretendente ignorante, que deveis rejeitar com Desprezo e Zombaria, cuidando de não lhe dar nenhuma Pista de Conhecimento.

8 Mas, se descobrirdes que ele é um Irmão verdadeiro e autêntico, deveis respeitá-lo como tal; e, se ele estiver em necessidade, deveis socorrê-lo se puderdes, ou então indicar-lhe como pode ser socorrido: deveis empregá-lo por alguns Dias, ou então recomendá-lo para ser empregado. Mas não sois obrigados a fazer além das vossas Posses, apenas a preferir um Irmão pobre, que seja um Homem Bom e Verdadeiro, a quaisquer outras Pessoas pobres nas mesmas Circunstâncias.

9 Por fim, deveis observar todas estas Obrigações, e também as que vos serão comunicadas de outro modo; cultivando o Amor fraternal, o Fundamento e a Pedra de remate, o Cimento e a Glória desta antiga Fraternidade, evitando toda Disputa e Briga, toda Calúnia e Maledicência, e não permitindo que outros caluniem algum Irmão honesto, mas defendendo a sua

Reputação e prestando-lhe todos os bons Serviços, até onde for compatível com a vossa Honra e Segurança, e não além. E, se algum deles vos fizer Injúria, deveis recorrer à vossa Loja ou à dele; e dali podeis apelar à Grande Loja na Comunicação Trimestral, e dali à Grande Loja Anual, como tem sido a antiga e louvável Conduta dos nossos Antepassados em toda Nação; nunca tomando a Via Legal, a não ser quando o Caso não puder ser decidido de outro modo, e ouvindo com paciência o Conselho honesto e amigável do Mestre e dos Companheiros, quando eles quiserem impedir que recorrais à Justiça contra Estranhos, ou vos estimularem a pôr um fim rápido a todos os Processos, para que possais cuidar do Assunto da Maçonaria com mais Prontidão e Êxito; mas, no caso de Irmãos ou Companheiros em litígio, o Mestre e os Irmãos devem oferecer amavelmente a sua Mediação, à qual os Irmãos em disputa devem submeter-se com gratidão; e, se essa submissão for impraticável, devem no entanto levar adiante o seu Processo, ou Pleito, sem Ira nem Rancor (não do modo comum), não dizendo nem fazendo nada que possa impedir que o Amor fraternal e os bons Serviços sejam renovados e continuados; para que todos possam ver a Influência benigna da Maçonaria, como todos os verdadeiros Maçons fizeram desde o Princípio do Mundo, e farão até o Fim dos Tempos.

10 Amém, assim seja.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PÓS-ESCRITO SOBRE A LEI CONTRA OS MAÇONS

✦

1 Um Digno Irmão, versado em Direito, comunicou ao Autor (enquanto esta Folha era impressa) a Opinião do Grande Juiz Coke sobre a Lei contra os Maçons, 3 Hen. VI, Cap. I, que está impressa neste Livro, na Página 35, e o Autor comparou a Citação com o Original, a saber:

2 Institutas de Coke, Terceira Parte, Fol. 99. A Causa pela qual esta Ofensa foi feita Crime grave é que o bom Curso e Efeito dos Estatutos dos Trabalhadores eram por ela violados e quebrados. Ora (diz o meu Lorde Coke), todos os Estatutos sobre os Trabalhadores anteriores a esta Lei, e aos quais esta Lei se refere, foram revogados pelo Estatuto de 5 Eliz. Cap.

2.2 4, pelo que a Causa e o Fim de fazer esta Lei desapareceram; e, por consequência, esta Lei ficou sem Força nem Efeito; pois, cessante ratione Legis, cessat ipsa Lex [cessando a razão da Lei, cessa a própria Lei]: e a Acusação de Crime grave com base neste Estatuto deve conter que aqueles Capítulos e Congregações se destinavam a violar e quebrar o bom Curso e Efeito dos Estatutos dos Trabalhadores, o que agora não se pode alegar, porque esses Estatutos foram revogados.

2.3 Por isso isto deveria ser tirado do Encargo dos Juízes de Paz, escrito por Mestre Lambert, pág. 227.

3 Esta Citação confirma a Tradição dos velhos Maçons de que este eruditíssimo Juiz pertenceu de fato à antiga Loja e foi um Irmão fiel.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

REGULAMENTOS GERAIS

✦

1 Regulamentos Gerais, compilados primeiro pelo Mr. George Payne, no ano de 1720, quando era Grão-Mestre, e aprovados pela Grande Loja no Dia de São João Batista, no ano de 1721, no Salão dos Livreiros (Stationer's Hall), em Londres; quando o mui nobre Príncipe John, Duque de Montagu, foi escolhido por unanimidade nosso Grão-Mestre para o Ano seguinte; o qual escolheu John Beal, Doutor em Medicina, seu Grão-Mestre Deputado; e o Mr.

1.2 Josiah Villeneau e o Mr. Thomas Morris Júnior foram escolhidos pela Loja Grandes Vigilantes. E agora, por Ordem do nosso dito Muito Venerável Grão-Mestre Montagu, o Autor deste Livro os comparou com os antigos Registros e os Usos imemoriais da Fraternidade, e os ajustou a eles, e os ordenou neste novo Método, com várias Explicações convenientes, para Uso das Lojas de Londres e Westminster e arredores.

2 I. O Grão-Mestre, ou o seu Deputado, tem Autoridade e Direito não só de estar presente em qualquer Loja verdadeira, mas também de presidir onde quer que esteja, com o Mestre da Loja à sua Esquerda, e de ordenar aos seus Grandes Vigilantes que o assistam, os quais não devem atuar como Vigilantes nas Lojas particulares, a não ser na sua Presença e por sua Ordem; porque ali o Grão-Mestre pode ordenar aos Vigilantes daquela Loja, ou a quaisquer outros Irmãos que lhe aprouver, que o assistam e atuem como seus Vigilantes pro tempore [interinamente].

3 II. O Mestre de uma Loja particular tem o Direito e a Autoridade de reunir os Membros da sua Loja em Capítulo quando quiser, em qualquer Emergência ou Ocorrência, assim como de fixar o horário e o lugar das suas reuniões habituais: e, em caso de Doença, Morte ou Ausência necessária do Mestre, o Primeiro Vigilante atuará como Mestre pro tempore, se não estiver presente nenhum Irmão que tenha sido antes Mestre daquela Loja; pois nesse Caso a Autoridade do Mestre Ausente passa ao último Mestre então presente; embora ele não possa atuar até que o dito Primeiro Vigilante tenha reunido uma vez a Loja, ou, na sua Ausência, o Segundo Vigilante.

4 III. O Mestre de cada Loja particular, ou um dos Vigilantes, ou algum outro Irmão por sua Ordem, manterá um Livro com o seu Regimento, os Nomes dos seus Membros, com uma Lista de todas as Lojas da Cidade e dos Horários e Lugares habituais das suas reuniões, e todos os seus Atos que convém escrever.

5 IV. Nenhuma Loja fará mais de Cinco Novos Irmãos de uma Vez, nem nenhum Homem com menos de Vinte e cinco Anos, que deve também ser senhor de si; a não ser por Dispensa do Grão-Mestre ou do seu Deputado.

6 V. Nenhum Homem pode ser feito ou admitido Membro de uma Loja particular sem aviso prévio de um Mês dado à dita Loja, para que se faça a devida Investigação sobre a Reputação e a Capacidade do Candidato; a não ser pela Dispensa acima dita.

7 VI. Mas nenhum Homem pode ser iniciado Irmão em nenhuma Loja particular, ou admitido como Membro dela, sem o Consentimento unânime de todos os Membros daquela Loja então presentes quando o Candi-

dato é proposto, e o seu Consentimento é formalmente pedido pelo Mestre; e eles devem manifestar o seu Consentimento ou Discordância do seu próprio modo prudente, tácita ou formalmente, mas com Unanimidade: nem este Privilégio inerente está sujeito a Dispensa; porque os Membros de uma Loja particular são os melhores juízes disso; e, se lhes fosse imposto um Membro rebelde, isso poderia estragar a sua Harmonia, ou impedir a sua Liberdade; ou até romper ou dispersar a Loja; o que deve ser evitado por todos os Irmãos bons e verdadeiros.

8 VII. Todo novo Irmão, na sua iniciação, deve vestir decentemente a Loja, isto é, todos os Irmãos presentes, e depositar alguma coisa para o Socorro dos Irmãos indigentes e decaídos, conforme o Candidato achar por bem dar, além da pequena Contribuição fixada pelo Regimento daquela Loja particular; e essa Caridade será confiada ao Mestre ou aos Vigilantes, ou ao Tesoureiro, se os Membros acharem por bem escolher um.

9 E o Candidato também prometerá solenemente submeter-se às Constituições, às Obrigações e aos Regulamentos, e aos outros bons Usos que lhe forem dados a conhecer em Tempo e Lugar convenientes.

10 VIII. Nenhum Grupo ou Número de Irmãos se retirará ou se separará da Loja em que foram feitos Irmãos, ou em que depois foram admitidos Membros, a não ser que a Loja se torne numerosa demais; e nem mesmo então, sem uma Dispensa do Grão-Mestre ou do seu Deputado: e, quando assim separados, devem ou juntar-se imediatamente a outra Loja que mais lhes agradar, com o Consentimento unânime daquela outra Loja para onde vão (como acima regulado), ou então obter a Autorização do Grão-Mestre para se juntarem na formação de uma nova Loja.

11 Se algum Grupo ou Número de Maçons tomar sobre si formar uma Loja sem a Autorização do Grão-Mestre, as Lojas regulares não devem apoiá-los, nem reconhecê-los como Irmãos legítimos e devidamente formados, nem aprovar os seus Atos e Feitos; mas devem tratá-los como Rebeldes, até que se humilhem, como o Grão-Mestre na sua Prudência determinar, e até que ele os aprove pela sua Autorização, o que deve ser comunicado às outras Lojas, como é Costume quando uma nova Loja deve ser registrada na Lista das Lojas.

12 IX. Mas, se algum Irmão se comportar tão mal que perturbe a sua Loja, será devidamente advertido duas vezes pelo Mestre ou pelos Vigilantes numa Loja formada; e, se não refrear a sua Imprudência, nem se submeter obedientemente ao Conselho dos Irmãos e corrigir o que os ofende, será tratado segundo o Regimento daquela Loja particular, ou então da maneira que a Comunicação Trimestral, na sua grande Prudência, achar por bem; para o que se poderá fazer depois um Novo Regulamento.

13 X. A Maioria de cada Loja particular, quando reunida, terá o privilégio de dar Instruções ao seu Mestre e aos seus Vigilantes antes da reunião do Grande Capítulo, ou Loja, nas três Comunicações Trimestrais adiante mencionadas, e também da Grande Loja Anual; porque os seus Mestres e Vigilantes são os seus Representantes, e se supõe que falam o que eles pensam.

14 XI. Todas as Lojas particulares devem observar os mesmos Usos tanto quanto possível; para o que, e para cultivar um bom Entendimento entre os Franco-Maçons, alguns Membros de cada Loja serão encarregados de visitar as outras Lojas tantas vezes quanto se julgar conveniente.

15 XII. A Grande Loja consiste nos Mestres e Vigilantes de todas as Lojas particulares regulares registradas, e é formada por eles, com o Grão-Mestre à sua Frente, e o seu Deputado à sua Esquerda, e os Grandes Vigilantes nos seus devidos Lugares, e deve ter uma Comunicação Trimestral por volta do dia de São Miguel, do Natal e do dia da Anunciação, em algum Lugar conveniente, conforme o Grão-Mestre determinar, onde nenhum Irmão estará presente se não for naquele momento Membro dela, sem uma Dispensa; e, enquanto estiver lá, não lhe será permitido votar, nem mesmo dar a sua Opinião, sem Licença da Grande Loja pedida e concedida, ou a não ser que esta lha peça devidamente.

16 Todos os Assuntos devem ser decididos na Grande Loja pela Maioria dos Votos, tendo cada Membro um Voto, e o Grão-Mestre dois Votos, a não ser que a dita Loja deixe algum assunto particular à Decisão do Grão-Mestre, para maior Rapidez.

17 XIII. Na dita Comunicação Trimestral, todos os Assuntos que dizem respeito à Fraternidade em geral, ou às Lojas particulares, ou a Irmãos individuais, devem ser discutidos e tratados com calma, serenidade e maturidade: os Aprendizes só podem ser admitidos Mestres e Companheiros do Ofício aqui, a não ser por Dispensa.

17.2 Aqui também todas as Divergências que não puderem ser resolvidas e acomodadas em particular, nem por uma Loja particular, devem ser seriamente consideradas e decididas: e, se algum Irmão se julgar prejudicado pela Decisão desta Assembleia, pode apelar à Grande Loja Anual seguinte e deixar a sua Apelação por Escrito com o Grão-Mestre, ou o seu Deputado, ou os Grandes Vigilantes.

18 Aqui também o Mestre ou os Vigilantes de cada Loja particular trarão e apresentarão uma Lista dos Membros que foram feitos, ou mesmo admitidos, nas suas Lojas particulares desde a última Comunicação da Grande Loja: e haverá um Livro mantido pelo Grão-Mestre, ou pelo seu Deputado, ou antes por algum Irmão que a Grande Loja nomear para Secretário, em que serão registradas todas as Lojas, com os seus Horários e Lugares habituais de reunião, e os Nomes de todos os Membros de cada Loja; e todos os Assuntos da Grande Loja que convém escrever.

19 Considerarão também os métodos mais prudentes e eficazes de recolher e distribuir o Dinheiro que lhes for dado ou confiado em Caridade, só para o Socorro de algum verdadeiro Irmão caído na Pobreza ou na Decadência, e de nenhum outro: mas cada Loja particular disporá da sua própria Caridade para os Irmãos pobres segundo o seu próprio Regimento, até que seja acordado por todas as Lojas (num novo Regulamento) levar a Caridade recolhida por elas à Grande Loja, na Comunicação Trimestral ou Anual, para fazer dela um Fundo comum, para um Socorro mais generoso dos Irmãos pobres.

20 Nomearão também um Tesoureiro, um Irmão de boa situação material, que será Membro da Grande Loja em virtude do seu Cargo, e estará sempre presente, e terá poder de propor à Grande Loja qualquer coisa, principalmente o que diz respeito ao seu Cargo.

20.2 A ele será confiado todo o Dinheiro levantado para a Caridade, ou para qualquer outro Uso da Grande Loja, que ele registrará num Livro, com os respectivos Fins e Usos a que as várias Quantias se destinam; e o gastará e desembolsará mediante uma Ordem certa, assinada, que a Grande

Loja depois acordar num novo Regulamento: mas não votará na escolha de um Grão-Mestre ou de Vigilantes, embora vote em todos os outros Assuntos.

20.3 Do mesmo modo, o Secretário será Membro da Grande Loja em virtude do seu Cargo e votará em tudo, menos na escolha de um Grão-Mestre ou de Vigilantes.

21 O Tesoureiro e o Secretário terão cada um um Escrevente, que deve ser um Irmão e Companheiro do Ofício, mas nunca deve ser Membro da Grande Loja, nem falar sem lhe ser permitido ou pedido.

22 O Grão-Mestre, ou o seu Deputado, sempre dará ordens ao Tesoureiro e ao Secretário, com os seus Escreventes e Livros, para ver como vão as Coisas e saber o que convém fazer em qualquer Ocasião urgente.

23 Outro Irmão (que deve ser Companheiro do Ofício) deve ser nomeado para cuidar da Porta da Grande Loja; mas não será Membro dela.

24 Mas estes Cargos poderão ser mais bem explicados por um novo Regulamento, quando a sua Necessidade e Conveniência parecerem mais claras à Fraternidade do que agora.

25 XIV. Se em alguma Grande Loja, ordinária ou extraordinária, trimestral ou anual, o Grão-Mestre e o seu Deputado estiverem ambos ausentes, então o atual Mestre de uma Loja que for Franco-Maçom há mais tempo ocupará a Cadeira e presidirá como Grão-Mestre pro tempore, e ficará investido de todo o seu Poder e Honra durante esse tempo; contanto que não esteja presente nenhum Irmão que tenha sido antes Grão-Mestre ou Grão-

Mestre Deputado; pois o último Grão-Mestre presente, ou então o último Deputado presente, deve sempre por direito tomar o lugar na ausência do atual Grão-Mestre e do seu Deputado.

26 XV. Na Grande Loja ninguém pode atuar como Vigilante senão os próprios Grandes Vigilantes, se presentes; e, se ausentes, o Grão-Mestre, ou a Pessoa que preside no seu Lugar, ordenará a Vigilantes particulares que atuem como Grandes Vigilantes pro tempore, cujos Lugares serão ocupados por dois Companheiros do Ofício da mesma Loja, chamados a atuar ou para lá enviados pelo Mestre particular dela; ou, se ele o omitir, serão chamados pelo Grão-Mestre, para que a Grande Loja esteja sempre completa.

27 XVI. Os Grandes Vigilantes, ou quaisquer outros, devem primeiro consultar o Deputado sobre os Assuntos da Loja ou dos Irmãos, e não recorrer ao Grão-Mestre sem o Conhecimento do Deputado, a não ser que ele recuse o seu acordo nalgum Assunto necessário; e nesse Caso, ou em caso de alguma Divergência entre o Deputado e os Grandes Vigilantes, ou outros Irmãos, ambas as partes devem ir de Comum acordo ao Grão-Mestre, que pode facilmente decidir a Controvérsia e resolver a divergência em virtude da sua grande Autoridade.

28 O Grão-Mestre não deve receber nenhuma Comunicação de Assuntos referentes à Maçonaria senão primeiro do seu Deputado, exceto nos Casos de que Sua Excelência bem possa julgar; pois, se o Recurso ao Grão-Mestre for irregular, ele pode facilmente mandar os Grandes Vigilantes, ou quaisquer outros Irmãos que assim recorrerem, ao seu Deputado, que deve preparar o Assunto depressa e apresentá-lo em ordem a Sua Excelência.

29 XVII. Nenhum Grão-Mestre, Grão-Mestre Deputado, Grandes Vigilantes, Tesoureiro, Secretário, ou quem quer que atue por eles, ou no seu lugar pro tempore, pode ao mesmo tempo ser Mestre ou Vigilante de uma Loja particular; mas, assim que algum deles tiver desempenhado com honra o seu Grande Cargo, volta àquele Posto ou Lugar na sua Loja particular de onde foi chamado para servir acima.

30 XVIII. Se o Grão-Mestre Deputado estiver doente ou necessariamente ausente, o Grão-Mestre pode escolher qualquer Companheiro do Ofício que quiser para seu Deputado pro tempore: mas aquele que for escolhido Deputado na Grande Loja, e também os Grandes Vigilantes, não podem ser destituídos sem que a Causa fique claramente demonstrada à Maioria da Grande Loja; e o Grão-Mestre, se estiver descontente, pode convocar uma Grande Loja de propósito para lhe apresentar a Causa e ter o seu Conselho e Acordo: e nesse caso a Maioria da Grande Loja, se não puder reconciliar o Mestre e o seu Deputado ou os seus Vigilantes, deve concordar em permitir ao Mestre destituir o dito Deputado ou os ditos Vigilantes e escolher imediatamente outro Deputado; e a dita Grande Loja escolherá outros Vigilantes nesse Caso, para que se preservem a Harmonia e a Paz.

31 XIX. Se o Grão-Mestre abusar do seu Poder e se tornar indigno da Obediência e Sujeição das Lojas, será tratado de um modo e maneira a ser acordado num novo Regulamento; porque até agora a antiga Fraternidade não teve ocasião para isso, tendo todos os seus antigos Grão-Mestres se comportado de modo digno daquele honroso Cargo.

32 XX. O Grão-Mestre, com o seu Deputado e Vigilantes, deve (pelo menos uma vez) percorrer e visitar todas as Lojas da Cidade durante o seu Mestrado.

33 XXI. Se o Grão-Mestre morrer durante o seu Mestrado, ou por Doença, ou por estar além-mar, ou de qualquer outro modo se tornar incapaz de exercer o seu Cargo, o Deputado, ou, na sua Ausência, o Primeiro Grande Vigilante, ou, na sua Ausência, o Segundo, ou, na sua Ausência, quaisquer três Mestres de Loja presentes, se juntarão para reunir imediatamente a Grande Loja, para deliberar juntos sobre essa Emergência e mandar dois do seu número convidar o último Grão-Mestre a retomar o seu Cargo, que agora naturalmente volta a ele; ou, se ele recusar, então o penúltimo, e assim para trás.

33.2 Mas, se não se puder encontrar nenhum antigo Grão-Mestre, então o Deputado atuará como Principal até que outro seja escolhido; ou, se não houver Deputado, então o Mestre mais antigo.

34 XXII. Os Irmãos de todas as Lojas de Londres e Westminster e arredores se reunirão numa Comunicação e Festa Anual, em algum lugar conveniente, no Dia de São João Batista, ou então no Dia de São João Evangelista, conforme a Grande Loja achar por bem por um novo Regulamento, tendo nos últimos Anos se reunido no Dia de São João Batista: contanto que

35 A Maioria dos Mestres e Vigilantes, com o Grão-Mestre, o seu Deputado e Vigilantes, concorde na sua Comunicação Trimestral, três Meses antes, que haverá uma Festa e uma Comunicação Geral de todos os Irmãos: pois, se o Grão-Mestre ou a Maioria dos Mestres particulares for contra, deve-se desistir dela daquela vez.

36 Mas, quer haja ou não uma Festa para todos os Irmãos, a Grande Loja deve reunir-se em algum lugar conveniente todos os anos no Dia de São João; ou, se for domingo, no Dia seguinte, para escolher a cada Ano um novo Grão-Mestre, Deputado e Vigilantes.

37 XXIII. Se for julgado conveniente, e o Grão-Mestre, com a Maioria dos Mestres e Vigilantes, concordar em realizar uma Grande Festa, segundo o antigo e louvável Costume dos Maçons, então os Grandes Vigilantes terão o cuidado de preparar os Ingressos, selados com o Selo do Grão-Mestre, de distribuir os Ingressos, de receber o Dinheiro dos Ingressos, de comprar o necessário para a Festa, de encontrar um lugar próprio e conveniente para a festa, e de tudo o mais que diz respeito à Recepção.

38 Mas, para que o Trabalho não seja pesado demais para os dois Grandes Vigilantes, e para que todos os Assuntos sejam conduzidos com rapidez e segurança, o Grão-Mestre, ou o seu Deputado, terá poder de designar e nomear um certo número de Mordomos, conforme Sua Excelência achar por bem, para atuar de acordo com os dois Grandes Vigilantes; sendo todas as coisas relativas à Festa decididas entre eles pela Maioria dos Votos, a não ser que o Grão-Mestre ou o seu Deputado intervenha com uma Instrução ou Determinação particular.

39 XXIV. Os Vigilantes e Mordomos irão, no devido tempo, ao Grão-Mestre, ou ao seu Deputado, pedir Instruções e Ordens sobre o assunto; mas, se Sua Excelência e o seu Deputado estiverem doentes ou necessariamente ausentes, reunirão os Mestres e Vigilantes das Lojas de propósito para pedir o seu Conselho e as suas Ordens; ou então podem tomar o Assunto completamente sobre si e fazer o melhor que puderem.

40 Os Grandes Vigilantes e os Mordomos devem prestar contas de todo o Dinheiro que receberem ou gastarem à Grande Loja, depois do Jantar, ou quando a Grande Loja achar por bem receber as suas Contas.

41 Se o Grão-Mestre quiser, pode no devido tempo convocar todos os Mestres e Vigilantes das Lojas para consultá-los sobre a organização da Grande Festa, e sobre qualquer Emergência ou coisa acidental relativa a ela que possa exigir Conselho; ou então tomá-lo completamente sobre si.

42 XXV. Os Mestres das Lojas nomearão cada um um Companheiro do Ofício experiente e discreto da sua Loja para compor uma Comissão, formada por um de cada Loja, que se reunirá para receber, num Aposento conveniente, cada Pessoa que trouxer um Ingresso, e terá Poder de interrogá-la, se achar por bem, para admiti-la ou recusá-la, conforme lhe parecer justo: contanto que não mandem nenhum Homem embora antes de informar todos os Irmãos lá dentro das Razões disso, para evitar Enganos; para que nenhum verdadeiro Irmão seja recusado, nem um falso Irmão, ou mero Pretendente, admitido.

42.2 Esta Comissão deve reunir-se muito cedo no Dia de São João, no lugar, antes mesmo que cheguem quaisquer Pessoas com Ingressos.

43 XXVI. O Grão-Mestre nomeará dois ou mais Irmãos de confiança para Porteiros, ou Guardas da Porta, que também devem chegar cedo ao Lugar, por algumas boas Razões; e que devem estar às Ordens da Comissão.

44 XXVII. Os Grandes Vigilantes, ou os Mordomos, nomearão de antemão o Número de Irmãos para servir à Mesa que julgarem adequado e próprio para esse Trabalho; e podem consultar os Mestres e Vigilantes das Lojas sobre as Pessoas mais adequadas, se quiserem, ou podem tomar as que eles recomendarem; pois ninguém deve servir naquele Dia senão Maçons Livres e Aceitos, para que a Comunicação seja livre e harmoniosa.

45 XXVIII. Todos os Membros da Grande Loja devem estar no Lugar muito antes do Jantar, com o Grão-Mestre, ou o seu Deputado, à sua Frente, e se retirarão e se formarão em Loja. E isto se faz para:

1. Receber quaisquer Apelações devidamente apresentadas, como acima regulado, para que o Apelante seja ouvido e o Assunto seja decidido amigavelmente antes do Jantar, se possível; mas, se não for possível, deve ser adiado até depois da eleição do novo Grão-Mestre; e, se não puder ser decidido depois do Jantar, pode ser adiado e entregue a uma Comissão particular, que o resolverá com calma e fará Relatório na Comunicação Trimestral seguinte, para que se preserve o Amor fraternal.

2. Evitar qualquer Divergência ou Desgosto que se possa temer naquele Dia, para que não se interrompa a Harmonia e o Prazer da Grande Festa.

3. Deliberar sobre tudo o que diz respeito à Decência e ao Decoro da Grande Assembleia, e evitar toda Indecência e más Maneiras, sendo a Assembleia mista.

4. Receber e considerar qualquer boa Proposta, ou qualquer Assunto importante e de peso, que seja trazido das Lojas particulares pelos seus Representantes, os vários Mestres e Vigilantes.

46 XXIX. Depois de discutidas estas coisas, o Grão-Mestre e o seu Deputado, os Grandes Vigilantes, ou os Mordomos, o Secretário, o Tesoureiro, os Escreventes e toda outra Pessoa se retirarão e deixarão os Mestres e Vigilantes das Lojas particulares sozinhos, para que deliberem amigavelmente sobre a eleição de um novo Grão-Mestre, ou a continuação do atual, se não o tiverem feito no Dia anterior; e, se forem unânimes pela continuação do atual Grão-Mestre, Sua Excelência será chamado e humildemente solici-

tado a fazer à Fraternidade a Honra de governá-la no ano seguinte: e depois do Jantar se saberá se ele aceita ou não: pois isso não deve ser revelado senão pela própria Eleição.

47 XXX. Então os Mestres e Vigilantes, e todos os Irmãos, podem conversar livremente, ou como quiserem se agrupar, até que o Jantar seja servido, quando cada Irmão toma o seu Lugar à Mesa.

48 XXXI. Algum tempo depois do Jantar, a Grande Loja se forma, não em Retiro, mas na Presença de todos os Irmãos, que no entanto não são Membros dela, e não devem por isso falar até que lhes seja pedido e permitido.

49 XXXII. Se o Grão-Mestre do Ano anterior consentiu com os Mestres e Vigilantes, em particular, antes do Jantar, em continuar no ano seguinte, então um da Grande Loja, encarregado disso, apresentará a todos os Irmãos o bom Governo de Sua Excelência etc.

49.2 E, voltando-se para ele, pedirá humildemente, em nome da Grande Loja, que faça à Fraternidade a grande Honra (se de nascimento nobre; se não), a grande Gentileza de continuar sendo o seu Grão-Mestre no Ano seguinte.

49.3 E, declarando Sua Excelência o seu Consentimento com uma Reverência ou um Discurso, como quiser, o dito Membro encarregado da Grande Loja o proclamará Grão-Mestre, e todos os Membros da Loja o saudarão na devida Forma. E todos os Irmãos terão por alguns Minutos licença para manifestar a sua Satisfação, Prazer e Felicitação.

50 XXXIII. Mas, se os Mestres e Vigilantes não pediram em particular, naquele Dia antes do Jantar, nem no Dia anterior, que o último Grão-Mestre continuasse no Mestrado mais um Ano; ou se ele, quando solicitado, não

consentiu: então

51 O último Grão-Mestre indicará o seu sucessor para o Ano seguinte, o qual, se aprovado por unanimidade pela Grande Loja, e se estiver ali presente, será proclamado, saudado e felicitado como novo Grão-Mestre, como acima indicado, e imediatamente instalado pelo último Grão-Mestre, segundo o Uso.

52 XXXIV. Mas, se essa Indicação não for aprovada por unanimidade, o novo Grão-Mestre será escolhido imediatamente por Votação, escrevendo cada Mestre e Vigilante o Nome do seu Homem, e o último Grão-Mestre escrevendo também o nome do seu; e o Homem cujo Nome o último Grão-Mestre tirar primeiro, ao acaso ou por sorte, será Grão-Mestre no Ano seguinte; e, se estiver presente, será proclamado, saudado e felicitado, como acima indicado, e logo instalado pelo último Grão-Mestre, segundo o Uso.

53 XXXV. O último Grão-Mestre assim continuado, ou o novo Grão-Mestre assim instalado, indicará e nomeará em seguida o seu Grão-Mestre Deputado, seja o último ou um novo, que também será declarado, saudado e felicitado como acima indicado.

54 O Grão-Mestre indicará também os novos Grandes Vigilantes, e, se aprovados por unanimidade pela Grande Loja, serão declarados, saudados e felicitados, como acima indicado; mas, se não, serão escolhidos por Votação, do mesmo modo que o Grão-Mestre: assim como também os Vigilantes das Lojas particulares devem ser escolhidos por Votação em cada Loja, se os seus Membros não concordarem com a Indicação do seu Mestre.

55 XXXVI. Mas, se o Irmão que o atual Grão-Mestre indicar para seu Sucessor, ou que a Maioria da Grande Loja escolher por Votação, estiver ausente da Grande Festa por Doença ou outra Ocasião necessária, não pode ser proclamado novo Grão-Mestre, a não ser que o antigo Grão-Mestre, ou alguns dos Mestres e Vigilantes da Grande Loja, possam garantir, sob a Palavra de Honra de um Irmão, que a dita Pessoa, assim indicada ou escolhida, aceitará de bom grado o dito Cargo; e nesse caso o antigo Grão-Mestre atuará como seu Procurador, indicará o Deputado e os Vigilantes em seu Nome, e em seu Nome também receberá as Honras, Homenagens e Felicitações de costume.

56 XXXVII. Então o Grão-Mestre permitirá a qualquer Irmão, Companheiro do Ofício ou Aprendiz falar, dirigindo o seu Discurso a Sua Excelência, ou fazer qualquer Proposta para o bem da Fraternidade, que será ou considerada e concluída imediatamente, ou então remetida à Consideração da Grande Loja na sua Comunicação seguinte, ordinária ou extraordinária. Quando isso terminar,

57 XXXVIII. O Grão-Mestre ou o seu Deputado, ou algum Irmão nomeado por ele, fará um discurso a todos os Irmãos e lhes dará bons Conselhos: e por fim, depois de alguns outros Atos que não podem ser escritos em Língua nenhuma, os Irmãos podem ir embora ou ficar mais, como quiserem.

58 XXXIX. Toda Grande Loja Anual tem um Poder e uma Autoridade inerentes de fazer novos Regulamentos, ou de alterar estes, para o verdadeiro bem desta antiga Fraternidade: contanto sempre que os antigos Marcos sejam cuidadosamente preservados, e que tais Alterações e novos Regulamentos sejam propostos e acordados na terceira Comunicação Trimestral antes da Grande Festa Anual; e que sejam oferecidos também à Leitura de

todos os Irmãos antes do Jantar, por escrito, até do mais novo Aprendiz; sendo a Aprovação e o Consentimento da Maioria de todos os Irmãos presentes absolutamente necessários para torná-los válidos e obrigatórios; o que deve ser solenemente pedido depois do Jantar, e depois da instalação do novo Grão-Mestre; como foi pedido e obtido para estes Regulamentos, quando propostos pela Grande Loja a aproximadamente 150 Irmãos, no Dia de São João Batista de 1721.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A MANEIRA DE CONSTITUIR UMA NOVA LOJA

✦

1 Pós-escrito. Segue-se a Maneira de constituir uma Nova Loja, como praticada por Sua Graça o Duque de Wharton, atual Muito Venerável Grão-Mestre, segundo os antigos Usos dos Maçons.

2 Uma Nova Loja, para evitar muitas Irregularidades, deve ser solenemente constituída pelo Grão-Mestre, com o seu Deputado e Vigilantes; ou, na Ausência do Grão-Mestre, o Deputado atuará por Sua Excelência e escolherá algum Mestre de Loja para assisti-lo; ou, caso o Deputado esteja ausente, o Grão-Mestre chamará algum Mestre de Loja para atuar como Deputado pro tempore.

3 Estando os Candidatos, ou o novo Mestre e os Vigilantes, ainda entre os Companheiros do Ofício, o Grão-Mestre perguntará ao seu Deputado se ele os examinou e se acha o Candidato a Mestre bem versado na nobre Ciência e na Arte real, e devidamente instruído nos nossos Mistérios etc.

4 E, respondendo o Deputado afirmativamente, ele (por ordem do Grão-Mestre) tirará o Candidato do meio dos seus Companheiros e o apresentará ao Grão-Mestre, dizendo: Muito Venerável Grão-Mestre, os Irmãos aqui desejam ser formados numa nova Loja; e apresento este meu digno Irmão para ser o seu Mestre, que sei ser de bons Costumes e grande Habilidade, verdadeiro e de confiança, e Amante de toda a Fraternidade, onde quer que esteja espalhada pela face da Terra.

5 Então o Grão-Mestre, pondo o Candidato à sua Esquerda, tendo pedido e obtido o Consentimento unânime de todos os Irmãos, dirá: Constituo e formo estes bons Irmãos numa nova Loja, e vos nomeio Mestre dela, sem duvidar da vossa Capacidade e Cuidado para preservar o Cimento da Loja etc., com algumas outras Expressões que são próprias e habituais nessa Ocasião, mas que não convém escrever.

6 Em seguida, o Deputado recitará as Obrigações de um Mestre, e o Grão-Mestre perguntará ao Candidato, dizendo: Vós vos submeteis a estas Obrigações, como os Mestres fizeram em todas as Eras? E, manifestando o Candidato a sua cordial Submissão a elas, o Grão-Mestre, por certas Cerimônias significativas e antigos Usos, o instalará e lhe entregará as Constituições, o Livro da Loja e os Instrumentos do seu Cargo, não todos juntos, mas um depois do outro; e, depois de cada um deles, o Grão-Mestre, ou o seu Deputado, recitará a Obrigação breve e expressiva que convém à coisa entregue.

7 Depois disso, os Membros desta nova Loja, inclinando-se todos juntos diante do Grão-Mestre, agradecerão a Sua Excelência e prestarão imediatamente Homenagem ao seu novo Mestre, manifestando-lhe a sua Promessa de Sujeição e Obediência pela Felicitação habitual.

8 O Deputado e os Grandes Vigilantes, e quaisquer outros Irmãos presentes que não sejam Membros desta nova Loja, felicitarão em seguida o novo Mestre; e ele fará os seus devidos Agradecimentos primeiro ao Grão-Mestre e depois aos demais, pela sua Ordem.

9 Então o Grão-Mestre pede ao Novo Mestre que comece imediatamente o Exercício do seu Cargo, escolhendo os seus Vigilantes: e o Novo Mestre, chamando dois Companheiros do Ofício, apresenta-os ao Grão-Mestre para a sua Aprovação, e à Nova Loja para o seu Consentimento. E, concedido isso,

10 O Primeiro ou o Segundo Grande Vigilante, ou algum Irmão por ele, recitará as Obrigações dos Vigilantes; e os Candidatos, solenemente perguntados pelo Novo Mestre, manifestarão a sua submissão a elas.

11 Em seguida, o Novo Mestre, entregando-lhes os Instrumentos do seu Cargo, os instalará na devida Forma nos seus devidos Lugares; e os Irmãos daquela Nova Loja manifestarão a sua Obediência aos novos Vigilantes pela Felicitação habitual.

12 E esta Loja, assim inteiramente constituída, será registrada no Livro do Grão-Mestre e, por sua Ordem, comunicada às outras Lojas.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

APROVAÇÃO

✦

1 Considerando que, pelas Confusões causadas nas Guerras dos Saxões, Dinamarqueses e Normandos, os Registros dos Maçons ficaram muito corrompidos, os Franco-Maçons da Inglaterra julgaram duas vezes necessário corrigir as suas Constituições, Obrigações e Regulamentos; primeiro no Reinado do Rei Atelstano, o Saxão, e muito depois no Reinado do Rei Eduardo IV, o Normando: e considerando que as antigas Constituições na Inglaterra foram muito interpoladas, mutiladas e miseravelmente corrompidas, não só com Grafias erradas, mas até com muitos Fatos falsos e Erros grosseiros de História e Cronologia, pela Passagem do Tempo e pela Ignorância dos Copistas, nas Eras obscuras e iletradas, antes do Renascimento da Geometria e da Arquitetura antiga, para grande Desgosto de todos os Irmãos eruditos e judiciosos, e pelo que também os Ignorantes foram enganados.

2 E tendo o nosso falecido Digno Grão-Mestre, Sua Graça o Duque de Montagu, ordenado ao Autor que examinasse, corrigisse e ordenasse num Método novo e melhor a História, as Obrigações e os Regulamentos da antiga Fraternidade; ele examinou, por conseguinte, várias Cópias da Itália e da Escócia e de diversas Partes da Inglaterra, e delas (embora erradas em muitas coisas) e de vários outros antigos Registros dos Maçons tirou as novas Constituições acima escritas, com as Obrigações e os Regulamentos Gerais. E, tendo o Autor submetido tudo à Leitura e às Correções dos últimos e do atual Grão-Mestres Deputados, e de outros Irmãos eruditos; e também dos Mestres e Vigilantes das Lojas particulares na sua Comunica-

ção Trimestral, entregou-os regularmente ao próprio falecido Grão-Mestre, o dito Duque de Montagu, para o seu Exame, Correção e Aprovação; e Sua Graça, a Conselho de vários Irmãos, ordenou que fossem bem impressos para uso das Lojas, embora não estivessem de todo prontos para a Impressão durante o seu Mestrado.

3 Por isso Nós, o atual Grão-Mestre da Muito Venerável e antiquíssima Fraternidade dos Maçons Livres e Aceitos, o Grão-Mestre Deputado, os Grandes Vigilantes, os Mestres e Vigilantes das Lojas particulares (com o Consentimento dos Irmãos e Companheiros das Cidades de Londres e Westminster e arredores), tendo também examinado esta Obra, juntamo-nos aos nossos louváveis Predecessores na nossa solene Aprovação dela, como aquilo que Cremos que atenderá plenamente ao Fim proposto; tendo sido conservadas todas as coisas valiosas dos antigos Registros, corrigidos os Erros de História e Cronologia, omitidos os Fatos falsos e as Palavras impróprias, e tudo ordenado num Método novo e melhor.

4 E ordenamos que estas sejam recebidas em toda Loja particular sob a nossa Jurisdição como as Únicas Constituições dos Maçons Livres e Aceitos entre nós, para serem lidas na iniciação de novos Irmãos, ou quando o Mestre achar por bem; e que os novos Irmãos as devem ler antes de serem iniciados.

5 Philip, Duque de Wharton, Grão-Mestre.
J. T. Desaguliers, Doutor em Leis e Membro da Royal Society, Grão-Mestre Deputado.
Joshua Timson, William Hawkins, Grandes Vigilantes.

6 E os Mestres e Vigilantes das Lojas particulares, a saber:

I. Thomas Morris Sênior, Mestre; John Bristow, Abraham Abbot, Vigilantes.

II. Richard Hail, Mestre; Philip Wolverston, John Doyer, Vigilantes.

III. John Turner, Mestre; Anthony Sayer, Edward Cale, Vigilantes.

IV. Mr. George Payne, Mestre; Stephen Hall, Doutor em Medicina, Francis Sorell, Esq., Vigilantes.

V. Mr. Math. Birkhead, Mestre; Francis Baily, Nicholas Abraham, Vigilantes.

VI. William Read, Mestre; John Glover, Robert Cordell, Vigilantes.

VII. Henry Branson, Mestre; Henry Lug, John Townshend, Vigilantes.

VIII. Mestre; Jonathan Sisson, John Shipton, Vigilantes.

IX. George Owen, Doutor em Medicina, Mestre; Eman Bowen, John Heath, Vigilantes.

X. Mestre; John Lubton, Richard Smith, Vigilantes.

XI. Francis, Conde de Dalkeith, Mestre; Capitão Andrew Robinson, Coronel Thomas Inwood, Vigilantes.

XII. John Beal, Doutor em Medicina e Membro da Royal Society, Mestre; Edward Pawlet, Esq., Charles More, Esq., Vigilantes.

XIII. Thomas Morris Júnior, Mestre; Joseph Ridler, John Clark, Vigilantes.

XIV. Thomas Robbe, Esq., Mestre; Thomas Grave, Bray Lane, Vigilantes.

XV. Mr. John Shepherd, Mestre; John Senex, John Bucler, Vigilantes.

XVI. John Georges, Esq., Mestre; Robert Gray, Esq., Charles Grymes, Esq., Vigilantes.

XVII. James Anderson, Mestre em Artes, o Autor deste Livro, Mestre; Gwinn Vaughan, Esq., Walter Greenwood, Esq., Vigilantes.

XVIII. Thomas Harbin, Mestre; William Attley, John Saxon, Vigilantes.

XIX. Robert Capell, Mestre; Isaac Mansfield, William Ely, Vigilantes.

XX. John Gorman, Mestre; Charles Garey, Edward Morphey, Vigilantes.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A CANÇÃO DO MESTRE

✦

1 A Canção do Mestre: ou a História da Maçonaria. Pelo Autor. Para ser cantada com Coro, quando o Mestre der licença, uma Parte só ou todas juntas, como lhe aprouver.

2 Parte I.

3 Adão, o primeiro do Gênero humano,
Criado com a Geometria
Impressa na sua Mente Real,
Logo instruiu a sua Descendência,
Caim e Sete, que então aperfeiçoaram
A Ciência liberal na Arte
Da Arquitetura, que amavam,
E aos seus Filhos a transmitiram.

4 Caim uma Cidade bela e forte
Construiu primeiro, e a chamou Consagrada,
Do Nome de Enoque, o seu Filho mais velho,
O que toda a sua Raça imitou:
Mas o piedoso Enoque, da linhagem de Sete,
Ergueu Duas Colunas com grande Habilidade;
E manda a toda a sua Família
Cumprir a verdadeira Arte das colunas.

5 Nosso Pai Noé veio depois,
Também Maçom divinamente instruído;
E por Ordem divina ergueu
A Arca, que levou uma boa Carga:
Foi construída pela verdadeira Geometria,
Uma Peça de Arquitetura fina;
Ajudado pelos Filhos, em número de Três,
Que concorreram no grande Desígnio.

6 Assim do Dilúvio geral ninguém
Se salvou, senão os Maçons e as suas Esposas;
E, descendendo toda a Humanidade
Só deles, a Arquitetura prospera;
Pois eles, quando se multiplicaram depressa,
Prontos a se espalhar e encher a Terra,
Na grande e bela Planície de Sinear
Deram à Maçonaria um segundo Nascimento.

7 Pois a maior parte da Humanidade se empregou
Em construir a Cidade e a Torre;
A Loja Geral ficou radiante
Com tais Efeitos do Poder dos Maçons;
Até que a vã Ambição provocou
O seu Criador a confundir o seu Plano;
Mas, embora falassem com Línguas confusas,
Nunca esqueceram a Arte erudita.

8 Coro.
Quem pode revelar a Arte Real?
Ou cantar os seus Segredos numa Canção?
Estão guardados a salvo no Coração do Maçom,
E pertencem à antiga Loja.

9 [Pare aqui para beber à Saúde do atual Grão-Mestre.]

10 Parte II.

11 Assim, quando de Babel se dispersam
Em Colônias para Climas distantes,
Todos Maçons verdadeiros, que podiam contar
As suas Obras aos dos Tempos futuros;
O Rei Nimrod fortificou o seu Reino
Com Castelos, Torres e Cidades belas:
Mizraim, que governou ao Leme do Egito,
Ali construiu Pirâmides assombrosas.

12 Nem Jafé e a sua valente Linhagem
Foram menos fortes na Maçonaria;
Nem Sem e os que herdaram
As Bênçãos prometidas por Sucessão;
Pois o Pai Abrão trouxe de Ur
A Geometria, a boa Ciência;
Que ele revelou, sem demora,
A todos os que descendiam do seu Sangue.

13 Mais ainda: a Raça de Jacó por fim aprendeu
A deixar de lado o Cajado do Pastor,
E foi levada a usar a Geometria
Sob o Jugo cruel do Faraó;
Até que Moisés, Mestre Maçom, se ergueu
E dali conduziu a Santa Loja,
Todos Maçons formados, a quem ele quis
Transmitir o seu engenhoso Saber.

14 Aoliabe e Bezalel,
Homens inspirados, ergueram a Tenda,
Onde a Shekinah escolheu habitar
E apareceu a Habilidade geométrica:
E, quando estes valentes Maçons encheram
Canaã, os eruditos Fenícios souberam
Que as Tribos de Israel eram mais hábeis
Na Arquitetura firme e verdadeira.

15 Pois a Casa de Dagon na Cidade de Gaza,
Sustentada com Arte por duas Colunas,
Derrubada pelos fortes Braços de Sansão
Sobre os Senhores filisteus, a quem matou,
Embora fosse o mais belo Edifício erguido
Pelos Filhos de Canaã, não podia comparar-se
Ao Templo louvado do Criador
Em Força gloriosa e Estrutura bela.

16 Mas aqui paramos um pouco para brindar
À Saúde do nosso Mestre e de ambos os Vigilantes;
E vos advertimos a todos a evitar a Costa
Do Naufrágio da Fama e da Palavra de Sansão;
Revelados um dia os seus Segredos à Esposa,
A sua Força fugiu, a sua Coragem foi domada,
Foi entregue a Inimigos cruéis,
E nunca foi chamado Maçom.

17 Coro.
Quem pode revelar a Arte Real?
Ou cantar os seus Segredos numa Canção?
Estão guardados a salvo no Coração do Maçom,
E pertencem à antiga Loja.

18 [Pare aqui para beber à Saúde do Mestre e dos Vigilantes desta Loja particular.]

19 Parte III.

20 Cantamos a antiga Fama dos Maçons,
Quando oitenta Mil Artífices se reuniam
Sob os Mestres de grande Nome,
Três Mil e seiscentos bons,
Empregados por Salomão, o Senhor,
E também Mestre Maçom Geral;
Como Hirão era na imponente Tiro,
Como Salém, construída por Maçons verdadeiros.

21 A Arte Real era então divina,
Os Artífices eram aconselhados do alto,
O Templo superava todas as Obras,
O Mundo admirado aprovava tudo;
Homens engenhosos, de todo Lugar,
Vinham contemplar a gloriosa Construção;
E, ao voltar, começavam a traçar
E a imitar o seu Estilo elevado.

22 Por fim os Gregos vieram a conhecer
A Geometria, e aprenderam a Arte,
Que o grande Pitágoras mostrou
E o glorioso Euclides transmitiu;
E também o assombroso Arquimedes,
E muitos outros bons Eruditos;
Até que os antigos Romanos estudaram
A Arte, e compreenderam a Ciência.

23 Mas, quando dominaram a orgulhosa Ásia
E venceram a Grécia e o Egito,
Destacaram-se na Arquitetura
E levaram todo o Saber para Roma;
Onde o sábio Vitrúvio, Mestre principal
Dos Arquitetos, aperfeiçoou a Arte,
No Tempo pacífico do Grande Augusto,
Quando as Artes e os Artistas eram amados.

24 Trouxeram o Conhecimento do Oriente;
E, à medida que faziam as Nações se render,
Espalharam-no pelo Norte e pelo Oeste,
E ensinaram ao Mundo a Arte de construir;
Testemunham-no as suas Cidadelas e Torres,
Para fortificar as suas belas Legiões,
Os seus Templos, Palácios e Pavilhões,
Que falavam do Grande Desígnio dos Maçons.

25 Assim os poderosos Reis do Oriente, e alguns
Da Raça de Abrão, e bons Monarcas
Do Egito, da Síria, da Grécia e de Roma,
Compreenderam a verdadeira Arquitetura:
Não admira, então, que os Maçons se juntem
Para celebrar aqueles Reis Maçons,
Com Nota solene e Vinho que corre,
Enquanto cada Irmão canta junto.

26 Coro.
Quem pode revelar a Arte Real?
Ou cantar os seus Segredos numa Canção?
Estão guardados a salvo no Coração do Maçom,
E pertencem à antiga Loja.

27 [Pare aqui para beber à gloriosa Memória dos Imperadores, Reis, Príncipes, Nobres, Fidalgos, Clérigos e Eruditos que propagaram a Arte.]

28 Parte IV.

29 Ó gloriosos Dias para os Maçons sábios,
Por todo o Império Romano, quando
A sua Fama, ecoando até os Céus,
Os proclamava Homens bons e úteis;
Assim empregados por muitas Eras,
Até que os Godos, com Fúria guerreira
E Ignorância brutal, destruíram
O Trabalho de muitas Eras eruditas.

30 Mas, quando os Godos conquistadores foram levados
A abraçar a Fé Cristã, descobriram
A Tolice que os seus Pais cometeram
Na perda da Arquitetura sólida.
Por fim o seu Zelo por Templos imponentes
E Grandeza rica, quando em Paz,
Os fez empregar os seus maiores Esforços
Para erguer os seus Edifícios Góticos.

31 Assim muitas Construções suntuosas e altas
Foram erguidas em toda Terra Cristã,
Embora não conformes ao Estilo Romano,
Mas que impunham Reverência:
O Rei e o Ofício, sempre de acordo,
Em Lojas bem formadas, para suprir
A triste Falta da Habilidade Romana
Com o seu novo tipo de Maçonaria.

32 Por muitas Eras isto prevalece,
A sua Obra é considerada Arquitetura;
Na Inglaterra, Escócia, Irlanda e Gales,
Os Artífices são muito estimados,
Pelos Reis, como Mestres da Loja,
Por muitos Pares nobres e ricos,
Pelo Lorde e pelo Laird, pelo Sacerdote e pelo Juiz,
Por todo o Povo em toda parte.

33 Assim contam os antigos Registros dos Maçons:
O Rei Atelstano, de Sangue Saxão,
Deu-lhes uma Carta para viverem livres
Em Loja Elevada, com boas Ordens,
Tiradas de antigos Escritos pelo seu Filho,
O Príncipe Edwin, brilhante Mestre Geral,
Que logo reuniu os Irmãos em York
E àquela Loja recitou tudo.

34 Daí as suas Leis e belas Obrigações
Foram observadas com Cuidado em todo Reinado,
Da Linhagem Saxã, Dinamarquesa, Normanda,
Até que as Coroas Britânicas se uniram:
O Primeiro Monarca de toda esta Ilha
Foi o erudito Jaime, um Rei Maçom,
Que, Primeiro dos Reis, fez reviver o Estilo
Do Grande Augusto: Por isso cantai.

35 Coro.
Quem pode revelar a Arte Real?
Ou cantar os seus Segredos numa Canção?
Estão guardados a salvo no Coração do Maçom,
E pertencem à antiga Loja.

36 [Pare aqui para beber à feliz Memória de todos os que fizeram reviver o antigo Estilo Augustano.]

37 Parte V.

38 Assim, embora na Itália a Arte
Fosse primeiro tirada do Entulho Gótico,
E o Grande Palladio transmitisse
Um Estilo justamente louvado pelos Maçons:
Aqui, contudo, o seu poderoso Rival Jones,
O Primeiro dos Arquitetos Britânicos,
Construiu tão gloriosos Montes de Pedras
Como nunca se igualaram desde o Tempo de César.

39 O Rei Carlos Primeiro, também Maçom,
Com vários Pares e Homens ricos,
Empregou-o, a ele e aos seus Artífices fiéis,
Até que começaram as tristes Guerras Civis.
Mas, depois de restauradas a Paz e a Coroa,
Embora Londres estivesse reduzida a Cinzas,
Pela Arte dos Maçons e bom Acordo,
Uma Londres mais bela ergueu a Cabeça.

40 O Rei Carlos Segundo ergueu então
A mais bela Coluna da Terra,
Fundou São Paulo, aquele Templo imponente,
E a Bolsa Real, com Alegria e Festa:
Mas depois as Lojas decaíram,
Até que o Grande Nassau fez reviver o Gosto,
Cujo brilhante Exemplo tanto prevaleceu
Que desde então a Arte prosperou.

41 Que as outras Nações se gabem à vontade,
A Grã-Bretanha agora não se rende a nenhuma,
Em verdadeira Geometria e Habilidade,
Em construir com Madeira, Tijolo e Pedra;
Em Arquitetura de todo tipo,
Em Lojas engenhosas, onde vemos
Os Nobres e os Sábios se reunirem
E beberem com Artífices fiéis e gentis.

42 Então que todos os bons Irmãos se alegrem
E encham o Copo com Coração alegre;
Que expressem com Voz agradecida
Os Louvores da Arte maravilhosa:
Que a Saúde de cada Irmão dê a volta,
Não de Tolo ou Patife, mas de Maçom verdadeiro;
E que ressoe a Fama do nosso Mestre,
O nobre Duque de Montagu.

43 Coro.

Quem pode revelar a Arte Real?
Ou cantar os seus Segredos numa Canção?
Estão guardados a salvo no Coração do Maçom,
E pertencem à antiga Loja.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A CANÇÃO DO VIGILANTE

✦

1 A Canção do Vigilante: ou outra História da Maçonaria. Composta depois que o mui nobre Príncipe Philip, Duque de Wharton, foi escolhido Grão-Mestre. Pelo Autor. Para ser cantada e tocada na Comunicação Trimestral.

2 Sempre que estamos sós,
E todo Estranho se foi,
No Verão, no Outono, no Inverno, na Primavera,
Começai a tocar, começai a cantar
O poderoso Gênio da Loja elevada,
Que em toda Era
Levou
E bem inspirou o Príncipe, o Sacerdote, o Juiz,
Os Nobres e os Sábios a se juntarem
Para erguer o Grande Desígnio dos Maçons.

3 Erguer o Grande Desígnio
Foi sempre o Cuidado dos Maçons,
Desde Adão, antes do Dilúvio,
Cuja Arte o velho Noé compreendia
E transmitiu a Jafé, Sem e Cam,
Que ensinaram a sua Raça
A construir depressa

A orgulhosa Cidade e Torre de Babel, até que chegou
A ser admirada demais, e então
Os Filhos dos Homens foram dispersos.

4 Mas, embora usassem em Climas distantes
As suas Línguas confusas,
Trouxeram de Sinear boas Ordens,
Para erguer a Arte que compreendiam:
Por isso cantai primeiro os Príncipes das Ilhas;
Depois o Grande Belo,
Que fixou a sua Sede
Na velha Assíria, construindo Edifícios imponentes;
E as Pirâmides de Mizraim entre
Os outros Temas da nossa Canção.

5 E Sem, que infundiu
A útil e maravilhosa Habilidade
Nas Mentes das grandes Nações:
E depois Abrão, que transmitiu
O Saber Assírio aos seus Filhos, que, quando
Na Terra do Egito,
Pela Mão do Faraó,
Foram duramente ensinados a ser Homens muito hábeis;
Até que o seu Grão-Mestre Moisés se ergueu
E os livrou dos seus Inimigos.

6 Mas quem pode cantar o seu Louvor,
Ele que ergueu a Tenda?
Então cantai os seus Trabalhadores fiéis como o Aço,

Aoliabe e Bezalel;
Cantai Tiro e Sidom, e os velhos Fenícios.
Mas a Mancha de Sansão
Nunca é esquecida:
Ele revelou os seus Segredos à Esposa, que vendeu
O Marido, o qual por fim derrubou
A Casa sobre todos na Cidade de Gaza.

7 Mas o Rei Salomão
Cantamos com Nota solene,
Ele que por fim ergueu o Grande Desígnio,
Pela Riqueza, pelo Poder e pela Arte divina;
Ajudado pelo erudito Hirão, Príncipe de Tiro,
Por bons Artífices,
Que compreendiam
A encantadora Influência do sábio Hirão Abif:
Ele ajudou os brilhantes Mestres Judeus,
Cujas engenhosas Obras ninguém pode descrever.

8 Estes gloriosos Reis Maçons
Cada Irmão agradecido canta,
Eles que levaram a Arte ao seu Zênite
E a todas as Nações transmitiram
A útil Habilidade: Pois do belo Templo,
Para toda Terra
E Praia estrangeira,

Os Artífices marcharam e ensinaram o Grande Desígnio;
Do qual os Reis, com poderosos Pares
E Homens eruditos, foram os Supervisores.

9 O Templo de Diana depois,
Fixado na Ásia Menor;
E as orgulhosas Muralhas da Babilônia, a Sede
De Nabucodonosor, o Grande;
O Túmulo de Mausolo, o Rei da Cária;
Com muitas Construções
De Estilo elevado
Na África e na Grande Ásia, cantai,
Na Grécia, na Sicília e em Roma,
Que venceu aquelas Nações.

10 Então cantai também Augusto,
O verdadeiro Mestre Geral,
Que por Vitrúvio refinou
E espalhou o Grande Desígnio dos Maçons
Pelo Norte e pelo Oeste; até que os antigos Bretões escolheram
A Arte Real
Em toda Parte,
E puderam mostrar a Arquitetura Romana;
Até que a Fúria guerreira dos Saxões
Destruiu a Habilidade de muitas Eras.

11 Por fim o Estilo Gótico
Prevaleceu na Ilha da Bretanha,
Quando o Grande Desígnio dos Maçons reviveu

E prosperou nas suas Lojas bem formadas,
Embora não como antes nos Dias Romanos:
Mas cantai os Templos
Dos Saxões, dos Dinamarqueses,
Dos Escoceses, Galeses, Irlandeses; mas cantai primeiro o Louvor
De Atelstano e do Príncipe Edwin,
O nosso Mestre de grande Influência.

12 E também os Reis Normandos
Canta o Maçom Britânico;
Até que o Estilo Romano ali reviveu
E as Coroas Britânicas se uniram
No erudito Jaime, um Rei Maçom, que ergueu
Belos Montes de Pedras
Por Inigo Jones,
Que rivalizou com o sábio Palladio, justamente louvado
Na Itália e também na Bretanha,
Pela Arquitetura firme e verdadeira.

13 E dali em todo Reinado
A Maçonaria alcançou
Os Reis, os Nobres e os Sábios,
Cuja Fama, ecoando até os Céus,
Incita a Era presente a juntar-se em Loja,
E usar Aventais
Com Habilidade e Cuidado,

Para erguer o antigo Grande Desígnio dos Maçons
E fazer reviver o Estilo Augustano
Em muitas Construções engenhosas e gloriosas.

14 De agora em diante cantai sempre
O Artífice e o Rei,
Com Poesia e Música doce
Fazei ressoar a sua Harmonia completa;
E, com a Geometria em Mão hábil,
Prestai Homenagem devida,
Sem Demora,
Ao nobre Duque de Wharton, nosso Grão-Mestre:
Ele governa os Filhos da Arte nascidos livres
Pelo Amor e pela Amizade, pela Mão e pelo Coração.

15 Coro.
Quem pode recitar o Louvor,
Em suaves Versos Poéticos,
Ou em Prosa sólida, dos Maçons verdadeiros,
Cuja Arte transcende a Vista comum?
Os seus Segredos, nunca ainda expostos a Estranhos,
Serão preservados
Pelos Maçons Livres,
E só à antiga Loja revelados;
Porque estão guardados no Coração dos Maçons
Pelos Irmãos da Arte Real.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A CANÇÃO DO COMPANHEIRO

✦

1 A Canção do Companheiro do Ofício: pelo nosso Irmão Charles Delafaye, Esq.; para ser cantada e tocada na Grande Festa.

2 Salve, Maçonaria! Tu, Ofício divino!
Glória da Terra, revelada do Céu;
Que brilhas com Joias preciosas,
Escondida de todos os Olhos, menos dos Maçons.

3 Coro.
Os teus devidos Louvores, quem pode recitar
Em Prosa vigorosa, ou em Verso fluente?

4 Assim como os Homens se distinguem dos Animais,
Um Maçom supera os outros Homens;
Pois o que há de escolhido e raro no Conhecimento
Que não habite seguro no seu Peito?

5 Coro.
O seu Peito silencioso e o seu Coração fiel
Preservam os Segredos da Arte.

6 Do Calor abrasador e do Frio cortante;
Das Feras, cujo Rugido rasga a Floresta;
Dos Ataques de Guerreiros ousados
A Arte dos Maçons defende a Humanidade.

7 Coro.
Que se preste a esta Arte a devida Honra,
Da qual a Humanidade recebe tal Ajuda.

8 As Insígnias de Estado, que alimentam o nosso Orgulho,
Distinções incômodas e vãs!
São deixadas de lado pelos Maçons verdadeiros:
Os Filhos da Arte nascidos livres desprezam tais Brinquedos.

9 Coro.
Enobrecidos pelo Nome que levam,
Distinguidos pela Insígnia que usam.

10 Doce Companheirismo, livre de Inveja:
Conversa amiga da Irmandade;
Sê o Cimento duradouro da Loja!
Que há Eras se mantém firme.

11 Coro.
Uma Loja assim construída durou
Por Eras passadas, e durará sempre.

12 Então nas nossas Canções se faça Justiça
Aos que enriqueceram a Arte,
De Jabal até Burlington,
E que cada Irmão faça a sua Parte.

13 Coro.

Que a Saúde dos nobres Maçons dê a volta;

Que o seu Louvor ressoe na Loja elevada.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A CANÇÃO DO APRENDIZ

✦

1 A Canção do Aprendiz Admitido: pelo nosso falecido Irmão Mr. Matthew Birkhead. Para ser cantada quando todo Assunto sério tiver terminado, e com a Licença do Mestre.

2 Vamos, preparemo-nos,
Nós, Irmãos que estamos
Reunidos em Ocasião alegre;
Bebamos, riamos e cantemos;
O nosso Vinho tem uma Fonte:
Eis uma Saúde a um Maçom Aceito.

3 O Mundo se esforça
Por obter os nossos Segredos,
E que continue a se admirar e a olhar;
Nunca poderá adivinhar
A Palavra nem o Sinal
De um Maçom Livre e Aceito.

4 É Isto, é Aquilo,
Não sabem dizer O quê,
Por que tantos Grandes Homens da Nação
Põem Aventais
Para se fazerem um
Com um Maçom Livre e Aceito.

5 Grandes Reis, Duques e Lordes
Puseram de lado as suas Espadas,
Para dar boa Graça ao nosso Mistério,
E nunca se envergonharam
De se ouvir nomeados
Com um Maçom Livre e Aceito.

6 O Orgulho da Antiguidade
Temos do nosso lado,
E ele faz os Homens justos no seu Lugar:
Não há nada senão o que é bom
Para ser compreendido
Por um Maçom Livre e Aceito.

7 Então juntemos as Mãos,
Firmes uns com os outros,
Sejamos alegres e ponhamos um Rosto radiante:
Que Mortal pode gabar-se
De um Brinde tão Nobre
Como um Maçom Livre e Aceito?

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

UM ANTIGO REGISTRO E A APROVAÇÃO DO LIVRO IMPRESSO

✦

1 Julga-se oportuno inserir aqui um Parágrafo de um antigo Registro dos Maçons, a saber: a Companhia dos Maçons, também chamados Franco-Maçons, de antiga Posição e boa Reputação, por meio de Reuniões afáveis e amigas em diversas Ocasiões, e como uma Irmandade amorosa deve fazer, frequentava esta Assembleia mútua no Tempo do Rei Henrique V, no 12º Ano do seu graciosíssimo Reinado.

1.2 E, como o dito Registro descreve um Brasão muito parecido com o da Companhia dos Maçons Livres de Londres, crê-se em geral que a dita Companhia descende da antiga Fraternidade; e que em Tempos passados nenhum Homem era feito Livre daquela Companhia sem ter sido instalado nalguma Loja de Maçons Livres e Aceitos, como Qualificação necessária.

1.3 Mas essa louvável Prática parece ter caído em Desuso há muito tempo. Os Irmãos em Partes estrangeiras descobriram também que várias Sociedades e Ordens de Homens nobres e antigas tiraram as suas Obrigações e Regulamentos dos Franco-Maçons (que são hoje a Ordem mais antiga da Terra), e talvez fossem originalmente todos Membros também da dita antiga e venerável Fraternidade. Mas isto aparecerá mais claramente no devido tempo.

2 Londres, neste dia 17 de Janeiro de 1722/3. Na Comunicação Trimestral, este Livro, que foi empreendido por Ordem de Sua Graça o Duque de Montagu, nosso falecido Grão-Mestre, tendo sido regularmente aprovado

em Manuscrito pela Grande Loja, foi neste Dia apresentado aqui Impresso e aprovado pela Sociedade: pelo que ordenamos que seja Publicado e o recomendamos para Uso das Lojas.

[3] Philip, Duque de Wharton, Grão-Mestre.
J. T. Desaguliers, Grão-Mestre Deputado.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0